

DE HUMANI ARTE:

fantásticas lições de futuros médicos



ORGANIZADORES:

Alexandre de Albuquerque Mourão

Ana Beatriz Paixão Rodrigues

Maria das Graças Mendes Rodrigues



EDITORA
UEMASUL

De Humani Arte:
fantásticas lições de futuros
médicos

Alexandre de Albuquerque Mourão
Ana Beatriz Paixão Rodrigues
Maria das Graças Mendes Rodrigues
(Organizadores)

De Humani Arte:
fantásticas lições de futuros
médicos



EDITORA
UEMASUL

2024

Todos os direitos reservados à Editora UEMASUL. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Projeto Gráfico: Editora UEMASUL

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação.

G633p De Humani Arte: fantásticas lições de futuros médicos / Alexandre de Albuquerque Mourão, Ana Beatriz Paixão Rodrigues, Maria das Graças Mendes Rodrigues (Orgs.). – Imperatriz: EDUEMASUL, 2024.

126 p.

ISBN 978-65-89274-01-08

1. Arte. 2. Medicina. I. Mourão, Alexandre de Albuquerque II. Rodrigues, Ana Beatriz Paixão. III. Rodrigues, Maria das Graças.

CDU 7.01:61

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**



Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Reitora

Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Vice-reitora

Profa. Dra. Lillian Castelo Branco de Lima

Organizadores

Alexandre de Albuquerque Mourão
Ana Beatriz Paixão Rodrigues
Maria das Graças Mendes Rodrigues

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aichely Rodrigues da Silva
Profa. Dra. Camila Perez da Silva
Profa. Dra. Gabriela Guimarães Jeronimo
Prof. Dr. Gutierrez Rodrigues de Moraes
Profa. Dra. Luciana Oliveira dos Santos
Prof. Dr. Marcelo Francisco da Silva
Profa. Dra. Milena Lopes Oliveira
Prof. Me. Mateus de Araújo Souza
Profa. Dra. Niara Moura Porto

Comitê Científico

Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho de Almada (UEMASUL)
Profa. Dra. Lillian Castelo de Lima (UEMASUL)
Profa. Dra. Lisis Fernandes Brito de Oliveira (UFF)
Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja (UFMA)
Prof. Dr. Wellyson da Cunha Araújo Firmo (UEMASUL)
Prof. Ma. Maria Natividade Silva Rodrigues (SEDUC MA)
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa (UFMA)

Coordenação da Editora

Profa. Dra. Aichely Rodrigues da Silva

Diagramação

Maria Eduarda da Silva Santos

Capa

Maria Eduarda da Silva Santos

Ilustração de Capa:

Banksy, Painting for Saints. Stencil. 2020

Revisão

Mônica Assunção Mourão

APRESENTAÇÃO

A relação entre a medicina e arte que abordarmos neste livro não é, necessariamente, a compreensão da medicina como um tipo de arte - como usualmente se pensa quando se aborda esse tema (quando se comenta da medicina como uma habilidade, destreza, agilidade, por exemplo). Queremos pensar a relação arte para além de uma adjetivação ou um mero “instrumento” do saber médico. A arte é um conhecimento humano, tal como a ciência, a filosofia e o senso comum e, nesse sentido, muito mais essencial do que se pensa. Nesse sentido, arte não é apenas entretenimento ou deleite estético, nem um prazer que se relegaria ao segundo plano.

Quando pensamos a arte como um conhecimento humano que, por sua vez, relaciona-se à medicina, estamos nos referindo a diversas possibilidades. Uma delas, a mais clássica, refere-se ao campo da anatomia. Mencionamos desde os gregos como Alcameon de Croton (500 a.C) e Herófilo da Calcedônia (335 a.C), até a Renascimento com Albert Dürer, Rafael Sânzio, Michelangelo e Leonardo da Vinci, sem esquecermos do clássico *De Humani Corporis Fabrica*, de Andreas Vesalius. Extrapolando a relação do artista com o estudo da forma e da estrutura do organismo humano, há de se mencionar artistas contemporâneos como Ron Mueck, Marlene Dumas, Mona Hatoum, Luiza Helena Guimarães e Justine

Cooper que vale a pena conhecer.

Outro aspecto relaciona-se a uma dimensão histórica e cultural. O psicólogo Vigotski entende a arte como técnica social do sentimento. Para ele, a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade. “A arte é o social em nós” (Vigotski, 1999) A atividade humana artística se caracteriza por um conjunto de signos estéticos com objetivo de suscitar emoções nas pessoas, e com base na “análise desses signos tentamos recriar as emoções que lhes correspondem” (Vigotski, 1999, p. 3). Existe uma analogia de que a arte está para a vida assim como o vinho está para a uva. Ou seja, “...a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (Vigotski, 1999, p. 307-8). “A arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida” (Vigotski, 1999, p. 328-9).

Tendo em vista esses aspectos, é que algumas universidades no mundo todo têm incluído a arte e as possibilidades criativas dela nos currículos dos cursos de medicina, como exemplo, o Projeto Medicina e Arte da Faculdade de Medicina da USP, do professor e médico Alexandre Faisal. Outra iniciativa é da Escola de Medicina Parelman, da Universidade da Pensilvânia, nos EUA, através do método Artful Thinking, desenvolvido pelo Harvard Project Zero. Vale

mencionar o livro *Medicina e Arte: um encontro com a vida*, organizado por Edlaine Villela, que foi uma inspiração para este nosso livro.

E, para aqueles que gostam de se deter nos aspectos de evidências, quais seriam os argumentos da importância da arte para a medicina?

Em consonância com o artigo de Eduarda Nogueira, denominado “Por que estudantes de medicina deveriam estudar arte?” destacamos que a arte é capaz de desenvolver múltiplas habilidades que podem impactar, no profissionalismo médico e no bem-estar tanto do médico como do paciente.

A arte pode ajudar na habilidade de observação já que é preciso constatar no paciente postura e fisionomia, sinais físicos típicos de certas doenças, por exemplo. Além das habilidades cognitivas citadas acima, a arte pode ajudar no altruísmo e na humanização do futuro médico.

É a partir da visão de humanização que este livro surge. Como uma das atividades do eixo Humanidades Médicas, do curso de Medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), no qual leciono, pedi para que os estudantes fizessem produções artísticas relacionando medicina e arte. A proposta era que fosse uma atividade feita com prazer, com gosto e que também trouxesse possibilidades criativas para se pensar o fazer/saber médico.

Para minha surpresa os alunos realizaram as produções e eis que surgiram poemas, crônicas, pinturas, dese-

nhos, cordéis, análises de obras como pinturas, filmes, livros, músicas e séries. Os capítulos, com títulos que fazem alusão às obras ou momentos da história da medicina, que serão vistos a seguir, foram uma junção de um ano e meio coletando produções artísticas e escritas com cerca de 120 alunos de medicina.

Devo salientar que os textos selecionados não foram necessariamente escolhidos por qualidade estética ou artística (tivemos que levar em conta a distribuição para contemplar as diversas linguagens artísticas assim como o tamanho limitado de páginas para publicação devido à uma demanda da editora). Nesse sentido, já adiantamos ao leitor que esse será o primeiro volume e que pretendemos realizar um segundo volume com outros trabalhos enviados que não foram contemplados aqui. Por fim, apresentaremos também uma das nossas primeiras experiências em um projeto de extensão denominado “Arte Sem Fronteiras”, realizado em 2023.

Espero que possam desfrutar da leitura e, além de nos sensibilizarmos com a enorme potência desses futuros médicos, enxergar as inúmeras possibilidades do diálogo entre medicina e arte.

Prof. Dr. Alexandre de Albuquerque Mourão

Psicólogo, Doutor em Psicologia e
Licenciado em Artes Visuais
Instagram: @alexandreamourao
Email: alexmourao1@gmail.com

PREFÁCIO

Quando leio um livro procuro perceber o impacto, o que ele provoca em mim, o que desperta, o que posso sonhar a partir dele. Quais sobressaltos e medos em que me vejo tomada, o que me desestabiliza, o que me emociona, o que ele alcança que emoções desperta e me faz sonhar, imaginar. É disto que quero falar neste prefácio da obra “De Humani Arte: fantásticas lições de futuros médicos”, de organização do prof. Doutor Alexandre Mourão e das acadêmicas Ana Beatriz Paixão Rodrigues e de Maria das Graças Mendes Rodrigues, para que sonhando os nossos sonhos e brincando com eles, vocês leitores privilegiados se sintam convidados e inspirados para trazer os seus próprios sonhos e com isto surgir um exercício novo de leitura, agora ampliada.

Cada leitor diante da tela é dono do “seu livro”, e faz sua leitura e suas expansões dentro da sua singularidade. Sem dúvida, a presente obra orquestrada pela potência criativa e inspiradora do professor do eixo de Humanidades Médicas, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), é reveladora de sensibilidade e criatividade, ingredientes necessários para se reinventar e recriar a vida em suas múltiplas batalhas. O ofício grandioso do futuro médico diante de uma sociedade que padece de tantas dores incuráveis se engrandece quando o protagonismo de tantos curadores feridos que nos trazem boas lições. Poetas,

estudantes, estagiários, sonhadores foram capazes de se emocionar com os tropeços da vida, e capazes de assumir a arte como dimensão fundamental de elaboração catártica de tantos desafios psíquicos, sociais e existenciais.

O convite que recebi do professor Alexandre Mourão para prefaciar a presente obra é motivo de honra, felicidade e gratidão. Honra pela oportunidade de contribuir com o trabalho humanista, emancipador e transformador de um parceiro de ofício e de grandes batalhas. Alexandre em sua poesia e sensibilidade, atuante na docência e na psicologia clínica, utiliza toda sua bagagem de artista plástico, para nos presentear com a beleza dos poemas de autoria de seus alunos e seguidores. Uma grande felicidade por usufruir do fenômeno da sincronicidade, que engendra novas amizades e encontros fecundos à revelia das distâncias geográficas, aproximando profissionais de diferentes regiões do nosso país continental identificadas com a qualificação e humanização da prática médica focada no atendimento integral do ser humano. Muito grande o sentimento de gratidão pela possibilidade de compartilhar reflexões inspiradas nesta obra tão relevante para a educação médica contemporânea, onde a tônica de um currículo inovador se baseia no delineamento e refinamento do carácter humanista do futuro médico, por meio do desenvolvimento de competências afetivas e interpessoais, tais como: empatia, compaixão, altruísmo, sensibilidade ética e estética.

O leitor será apresentado com uma visão plural e panorâmica das artes em geral e de temáticas humanistas contemporâneas no contexto da graduação médica, tais como: cuidados paliativos e finitude da vida, bioética e tanatologia, abordagem humanizada da loucura, sofrimento psíquico, entre outros. As pinturas clássicas escolhidas colocam o médico no centro das telas, revelando o desejo de valorização da atuação médica marcada pela caridade e cuidado genuíno da pessoa enferma. A escolha de grandes escritores da literatura mundial e brasileira, tais como Saramago, Machado de Assis e Clarisse Lispector revelam sabedoria e deferência pelos grandes autores, que promovem uma necessária erudição e valorização de temas universais e da essência dos dramas humanos. A escolha das artes digitais e da música entre em sintonia com novas formas de comunicação das novas gerações. Impossível não se emocionar e não sentir muito orgulho pela beleza dos temas e com este encontro de tantas vozes, de tantos lugares e épocas.

O livro com sua coletânea de trabalhos artísticos nos convida à inúmeras e diferentes experiências de cunho estético, que se dão de maneira epifânica, como pequenas revelações no cotidiano mas também são facilitadas por situações vividas vicariantemente pelos alunos e/ou por respostas empáticas que desenvolvem. Toda experiência poética é catártica, como se necessita de uma purificação

contínua do corpo de elementos nocivos e, porque não dizer, de uma purificação psicológica e intelectual. Catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções. A arte nos traz, neste sentido, a calma e serenidade necessária para suportarmos tanta pressão. Como a “ cegueira branca” , expressão extraída da obra “ Ensaio sobre a cegueira” de Saramago, contemplada nesta coletânea, e reveladora de todas nossas fragilidades e pontos cegos. Neste sentido, nossas feridas precisam de cuidado.

Por fim, recomendo com grande satisfação o livro como ferramenta pedagógica ampliadora do vocabulário e temáticas para o curso de medicina. Se pensarmos que o conceito de arte é sempre abstrato, pois está atrelado ao tempo e a cultura, é fundamental estimularmos o contato estreito com as artes por meio do currículo, como uma forma de acessar com mais plenitude os valores culturais plurais do nosso tempo. Cada momento histórico traz seus valores estéticos e suas concepções sobre o que é belo e artístico. Nossa intenção fundamental, neste prefácio, é fortalecer o elo que, a nosso ver, deve ser perene entre o campo artístico e nossa concepção de uma relação médico paciente humanizada. A ponte necessária entre duas culturas distintas: a científica e a artística tão enfatizada pelo médico escritor gaúcho Moacyr Sliar deve ter visibilidade em diferentes fóruns de debates acadêmicos. O elo possível entre estes dois universos no contexto da relação médico-paciente

é o currículo médico em sua face mais inovadora e dinâmica associado a metodologias ativas e a interdisciplinaridade de conteúdos e de práticas.

Portanto, a medicina baseada na arte se inspira em outras modalidades de evidências e pressupõe outros fundamentos epistemológicos, pós-modernos, transcendententes a uma racionalidade médica clássica e po-sitivista focada apenas em certezas. Cria, portanto, a necessidade de maior tolerância às incertezas e maior compreensão da complexidade do real, que não se deixa traduzir por pensamentos redutores, simplistas e/ou disjuntores. Ainda não conheço a região tocan-tina do Maranhão e amo o nordeste, não apenas pelas praias lindíssimas, mas sobretudo pelo fato de ter sido tão bem acolhida neste lugar marcante de nosso país..Amo a região pela sua autenticidade, simplicidade e calor humano singular! A genialidade de tantos artistas aqui reunidos há de surgir e comunicar para o mundo que a essência da arte de curar jamais morre-rá em tempo algum... Parabéns aos autores e desejo que vocês leitores possam agora usufruir de uma leitura transformadora!

Profa Dra. Eliana Mendonça Vilar Trindade

Doutora em psicologia clínica, pesquisadora na área de educação médica e formação humanística do estudante de medicina e professora de psicologia médica.

Capítulo 1 19

Relato de experiência Projeto de Extensão: “Arte Sem Fronteiras”

Alexandre de Albuquerque Mourão,

Gabriela Antonia Baquil Telles

José de Ribamar Portugal Neto

Maria Clara Ramos Ribeiro

Capítulo 2 33

Ötzi

Othon de Carvalho Bastos Neto

João Nicolas Sallem Rocha

Maria Teresa Cutrim de Sousa

Maria Clara Freire Pessoa Costa

Marcos Vinícius Soares Silva

Júlia Marreiros Silva

Jhessye Santos Botelho

Gabriel Alves Lima

Eslainy Xavier Matos

Dantas Sousa Braga

Judith Carneiro Macie

Capítulo 3 47

Papiro Ebers

Bruno Alves de Sousa

Mateus Cardoso Brito

Saul Felipe Oliveira Vêras

Ítalo Moisés Mendes Santiago
Matheus Monteiro Costa
Filipe de Medeiros Braz
Ana Luiza Espínola Lobo
Gabriel Gomes Nascimento Campos
Weslei Melo da Silva

Capítulo 4 59

Corpus hippocraticum

Francisco Randerson Ribeiro de Sousa Guedes
Míuria Joyce Pereira Raposo
Nahdya Carvalho Carrijo
Sarah Ellen Barroso Rosário
Camila Seabra de Oliveira
Maria Clara Pereira Magalhães

Capítulo 5 71

Liber continens

Helton Zheus Azevedo Mota
Vitória Ferreira de Cardoso
Alexandros Páris de Mesquita Ipácio
Laura Batista Cruz
Anna Lethycia Machado Ramos
Maria das Graças Mendes Rodrigues
Elizabet Taylor Pimenta Weba
Asafe Diniz Matos
Myrele dos Santos Elouf Simão

Capítulo 6 85

De Humani Corporis Fabrica

Deborah Boueres Laender Morais

Pedro Vinícius De Jesus Bertolino

Giovanna Melo Evangelista

James de Araújo Silva

Luana de Souza Marques

Capítulo 7 97

A Lição de Anatomia do Dr. Tulp

Lucas de Sá Carvalho

Gabriel Osmar Aguiar Ferreira

Amanda Cristine Silva Sousa

Guilherme Fernandes da Silva Silveira

João Vítor Albuquerque e Silva

Gustavo Bender Hendges

Saleth Victoria Pinheiro Maciel

Capítulo 8 111

O nascimento da clínica

José Augusto Lobão Marinho Sobrinho

Solannya Rayna Carvalho Santos

Lara Vitória Araújo De Oliveira

Ana Carolina Lopes Ribeiro

João Pedro Ferreira Silva

CAPÍTULO 1 - PROJETO DE EXTENSÃO: ARTE SEM FRONTEIRAS

Alexandre de Albuquerque Mourão

Professor do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/6894929434175661>
alexandre.mourao@uemasul.edu.br

Gabriela Antonia Baquil Telles

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8108236869836932>
gabrielabaquiltelles@gmail.com

José de Ribamar Portugal Netos

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2056951064982555>
jose.portugal@uemasul.edu.br

Maria Clara Ramos Ribeiro

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2199518712859153>
gabrielabaquiltelles@gmail.com

RESUMO: Levando em consideração o impacto positivo que a arte detém no processo de constituição de profissionais médicos humanizados, o projeto de Extensão “Artes sem fronteiras”, viabilizado por estudantes do curso de Medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), busca a interdisciplinaridade entre temas de relevância no campo da saúde e intervenções artísticas. Logo, esse relato visa descrever as experiências dos discentes voluntários desse projeto de Extensão. Foram realizadas 3 ações. A primeira intervenção ocorreu em uma Unidade

Básica de Saúde, buscou-se imagens que evocam a importância do SUS, fazendo uso da técnica de aquarela e do software “PenUp” para a produção das pinturas, as quais foram expostas em formato de banner. Na segunda ação, foi criada uma obra interativa dentro da universidade, com o tema “Antes de Morrer eu quero...”, utilizou-se a técnica de stencil para escrever sobre uma parede, além da disponibilização de giz de cera para os transeuntes. Na última interação foi utilizada a técnica de “lambe lambe” em um muro externo de acesso público para reproduzir uma imagem em homenagem ao trabalho dos profissionais de saúde. Esse projeto reuniu em si áreas diferentes do conhecimento, a arte e a medicina, na medida em que, em suas intervenções, acessou a dimensão biopsicossocial da comunidade, bem como foi capaz de suscitar reflexões críticas acerca do processo criativo e a relação entre o binômio ambiente-indivíduo, explorando de qual forma o meio é capaz de trazer à superfície subjetividades.

Palavras-chave: Arte, humanidades médicas, medicina

EXTENSION PROJECT: ART WITHOUT BORDERS

ABSTRACT: Taking into account the positive impact that art has on the process of creating humanized medical professionals, the Extension project “Arts without borders”, made possible by students of the Medicine course at the University of the Tocantina Region of Maranhão (UEMASUL), seeks to interdisciplinarity between relevant themes in the field of health and artistic interventions. Therefore, this report aims to describe the experiences of the volunteer students of this Extension project. The first intervention took place in a Basic Health Unit, looking for images. evoke the importance of SUS, using the watercolor technique and the “PenUp” software to produce the paintings, which were displayed in banner format. In the second action, an interactive work was created within the university, with the theme “. Before I Die I want to...”, the stencil technique was used to write on a wall, in addition to making crayons available to passersby. In the last interaction, the “lambe” techni-

que was used on an external wall with public access to reproduce an image in honor of the work of health professionals. This project brought together different areas of knowledge, art and medicine, to the extent that, in its interventions, it accessed the biopsychosocial dimension of the community, as well as being able to raise critical reflections about the creative process and the relationship between the binomial environment-individual, exploring how the environment is capable of bringing subjectivities to the surface.

Keywords: Art, medical humanities, medicine

INTRODUÇÃO

Mediante a criação do SUS, na década de 1980, sucedeu-se a consolidação do desenvolvimento de uma formação médica humanizada, contrapondo-se ao modelo tecnicista da saúde. Desse modo, abordagens pedagógicas ativas, reflexivas e dialógicas ganharam espaço, com o intuito de promover a qualificação de profissionais da saúde que se destaquem pela sua sensibilidade e pensamento crítico (Felonta; Rohr, 2022).

Nesse sentido, a arte corresponde a um instrumento efetivo de humanização, o qual impacta positivamente o paciente e seus acompanhantes, bem como o profissional de saúde. Isso se atribui a sua capacidade de trabalhar o paciente de forma holística, considerando seus anseios, medos, dificuldades e frustrações, tornando-se, portanto, uma ferramenta importante para o fortalecimento do vínculo entre o profissional da saúde e a população (Catapan *et. al.*, 2019).

Pensando nesse cenário, a extensão, um dos tripés

universitários, desempenha um papel primordial de unir o aprendizado dos alunos e a promoção do bem-estar à comunidade, uma vez que possibilita, a reprodução, pelos discen-tes, de saberes teóricos e práticos adquiridos no meio uni-versitário em prol da população alvo, beneficiando ambos os públicos. Dessa maneira, a extensão universitária emerge como um recurso poderoso, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aprimorar suas habilidades e competên-cias por meio da interação significativa com a sociedade (Vil-lela; Costa, 2020).

Assim, o Projeto de Extensão “Artes sem fronteiras: intervenção urbana em medicina e arte”, viabilizado por es-tudantes do curso de Medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), sob orientação do professor Doutor Alexandre de Albuquerque Mourão, buscou a interdisciplinaridade entre temas de relevância, no campo da saúde e intervenções artísticas, como intervenções no meio urbano com *stencil*, pinturas, grafites, possibilitando a permuta de conhecimentos com a população, de maneira humanizada e biopsicossocial e estimulando um processo crítico e reflexivo.

Portanto, o objetivo do presente capítulo é informar a respeito das intervenções realizadas pelos extensionistas do projeto “Arte sem fronteiras: intervenção urbana em me-dicina e arte”.

METODOLOGIA

Trata-se de um texto descritivo que tem a finalidade de relatar as intervenções experienciadas pelos voluntários do projeto de extensão “Arte sem fronteiras: Intervenção urbana em medicina e arte”, tendo como público-alvo acadêmicos, profissionais de saúde, usuários dos serviços de saúde e comunidade em geral.

As atividades foram realizadas na Unidade Básica de Saúde, local de prática dos estudantes de medicina, e no espaço da própria Universidade. A busca de ações que permitissem reflexão, subjetividade, a prática do cuidado e a transferências de informações, de forma lúdica e notória, pautavam as reuniões realizadas entre os discentes participantes e o professor orientador do projeto.

A partir de uma temática intervencionista escolhida, a busca de informações e imagens ocorre de maneira conjunta, em *sites*, artigos e livros, uma vez que o aprofundamento teórico é primordial para o alcance do objetivo da proposta.

Ademais, para a boa execução desse projeto, eram realizadas reuniões periódicas, a cada 15 dias, com a equipe de discentes, junto ao orientador do projeto, a fim de elucidar a respeito do mapeamento das intervenções que seriam realizadas.

Nas intervenções realizadas, diferentes materiais e equipamentos foram utilizados. Na primeira intervenção, que se deu na UBS do Bairro Bom Sucesso, em Imperatriz-

-MA, buscaram-se imagens que representassem a diversidade da população brasileira, fazendo uso da técnica de aquarela e do software “PenUp” para a produção das pinturas expostas em formato de banner.

Para a ação “Antes de Morrer eu quero...”, seguimos a ideia original do projeto global que inspirou o desenvolvido no muro interno da Universidade da Região Tocantina do Maranhão. Desse modo, utilizamos a técnica de *stencil* para escrever sobre a parede, além de disponibilizarmos giz de cera para que os transeuntes pudessem interagir com a obra.

Na última intervenção, a técnica escolhida foi a do “lambe-lambe”, que consiste em imagens coladas em espaço público, com diferentes mensagens possíveis, desde informações sobre eventos até obras de cunho artístico.

Assim, foi eleito como tema dessa colagem uma obra do renomado artista britânico Banksy, a qual consiste em um desenho que homenageia os profissionais de saúde que atuaram na linha de frente durante a pandemia do SARS-Cov, retratando enfermeiros e médicos como autênticos heróis.

Essa concepção é manifestada através de sua arte, onde uma criança, entre uma profusão de opções de brinquedos faz a escolha notável por uma boneca de uma enfermeira usando uma capa e máscara, deixando de lado figuras de personagens icônicos, como o Batman e o Homem-Aranha. Para realizar tal intervenção, essa imagem foi impressa e colada em um muro de acesso público.

A utilização do meio virtual também se mostra ferra-

menta indispensável no projeto. As intervenções são divulgadas por meio da página na rede social, atraindo atenção da comunidade acadêmica, contribuindo, assim, para a formação humana e integral dos discentes do curso de medicina, como preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso (Brasil, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Assim como já mencionado, a fim de garantir um bom planejamento das ações, os integrantes faziam reuniões periódicas, via *Google Meet* e presenciais, entre si e, também, com o docente orientador, com o intuito de entrar em acordo sobre quais as intervenções que seriam realizadas.

Nessas reuniões, eram abordados o desempenho e a satisfação da comunidade acerca das ações anteriores para analisar as sugestões desta, bem como dos integrantes do projeto e de seu orientador sobre o que poderia ser melhorado.

A proposta de uma Universidade a serviço da comunidade, dos acadêmicos e dos funcionários norteou as reuniões e as ações de intervenção do projeto. Assim, a Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bairro Bom Sucesso foi o lugar escolhido para a realização da primeira intervenção artística, denominada “O SUS é para todos”.

Depois de visitas e aceitação tanto pela gestão quanto pelo público-alvo, definiu-se esse tema a partir da proposta

de aproximação do usuário com a história, abrangência e os direitos fornecidos pelo sistema.

A escolha da confecção de desenhos de pacientes com rostos comuns em banners alocados na recepção da Unidade, além do aspecto lúdico, despertava a sensibilização da consciência cidadã e até mesmo a atenuação do estado clínico dos pacientes, no momento. Além de despertar os usuários para a importância e universalidade do SUS a exposição dos banners ainda evidenciou-se como uma ferramenta de humanização do ambiente da UBS.

Assim, como afirma Ciaco, um ambiente humanizado é aquele em que as diversas facetas dos indivíduos, sejam elas fisiológicas, psicológicas e morfológicas, estão em harmonia entre si, proporcionando uma interação enriquecedora e positiva entre ambiente e usuários.

Figura 1 - Intervenção “SUS é para todos” na UBS



Fonte: Acervo do Projeto

A figura 1 mostra as imagens utilizadas na intervenção: a mulher grávida com a frase: “O SUS salva vidas”, representa um dos principais públicos atendidos na Atenção Primária e um dos indicadores de saúde, além de representar a necessidade de atenção e cuidado. Por outro lado, o indígena com a máxima: “O SUS é para todos”, representa os princípios do próprio sistema: universalidade, equidade e integralidade. Todos apresentam punhos erguidos de luta.

Dessa forma, utilizar a recepção da UBS no tempo de espera da consulta é transformar esses locais em espaços primordiais na construção de saberes, produção de saúde e de subjetividade, podendo reorientar os modos de viver, de adoecer e de se cuidar (Silva; Bauer, 2013; Lima *et al.* 2015).

A segunda intervenção do projeto “Artes Sem Fronteiras” teve como máxima inspiração a intervenção urbana denominada “*Before I die*”, um projeto global que convida as pessoas a refletirem sobre a própria mortalidade e sobre o que realmente é importante durante a brevidade da vida.

A intervenção artística na urbe aguçada, diante da surpresa, um estranhamento capaz de tornar as pessoas mais conectadas com seus arredores, implicando uma troca de experiências entre indivíduos desconhecidos, de forma a transformar o espaço e a percepção individual da realidade (Barja, 2012).

Em consonância com essa concepção, além das reflexões sobre a mortalidade, a intervenção no muro teve como objetivo despertar os transeuntes da mecanicidade do co-

tidiano, por si só saturado de demandas e preocupações, e trazer à superfície um breve momento de desejos reprimidos, na tentativa de fazê-los repensar sobre o motor de sua existência.

Para tanto, a equipe do projeto escolheu o interior da UEMASUL para materializar a ideia. A segunda intervenção do projeto “Antes de morrer eu quero...”, disponibilizava giz colorido para que qualquer pessoa que transitasse pudesse registrar seus pensamentos, seguindo a proposta da frase no muro.

No decorrer das semanas, percebeu-se uma notável interação do público com a obra, com as mais diversas frases nela escritas. Nesse sentido, a variedade de respostas acompanhou a expectativa dos participantes do projeto, sob o âmbito da exploração da subjetividade de cada um que registrava seus desejos na parede.

Para a terceira e última intervenção deste projeto, denominada “Unidos pela saúde: celebrando nossos heróis”, levou-se em conta a utilização do espaço público como lugares de reflexão.

Nesse sentido, é fundamental refletir sobre os espaços públicos não apenas em sua dimensão física, mas também em sua dimensão simbólica, adquirindo uma multiplicidade de significados para a sociedade, sendo importante palco para a troca dinâmica de saberes sociais e culturais (Araújo; Pereira, 2020).

Figura 2 - Intervenção artística com lambe-lambe



Fonte: Acervo do Projeto de Extensão

A equipe escolheu um muro externo da própria universidade e por meio da técnica de “lambe lambe” colou um desenho de arte urbana realizado pelo artista Banksy, como demonstrado na figura 2.

Com essa intervenção buscou-se homenagear os profissionais de saúde, ressaltando a importância da atuação destes na sociedade. Para tanto, a imagem escolhida remete ao papel heroico dos profissionais de saúde à medida que evidencia uma criança elegendo como brinquedo uma boneca, a qual faz uma intrínseca alusão aos profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19, deixando de lados bonecos de personagens clássicos de super-heróis.

CONCLUSÃO

O projeto “Artes Sem Fronteiras” reuniu, em si, áreas diferentes do conhecimento, a Arte e a Medicina, na medida em que, em suas intervenções, acessou a dimensão biopsi-cossocial da comunidade, bem como foi capaz de suscitar reflexões críticas acerca do processo criativo e a relação entre o binômio ambiente-indivíduo, explorando de qual forma o meio é capaz de trazer à superfície subjetividades.

Além disso, mobilizou os frequentadores da UBS para a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) ao cativar a sua atenção pela arte impressa e exposta nas paredes. Diante disso, faz-se fundamental que sejam empreendidas mais intervenções artísticas que dialoguem com a Medicina, visto que a interseção de ambas é capaz de humanizar a área da saúde e possibilitar uma visão global do ser humano, como indivíduo multifacetado, deslocando-se, portanto, de uma visão limitada do paciente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. H. A.; PEREIRA, A. M. Memória e espaço público: reflexões sobre a praça Wandyck Dumont em Bocaiuva - MG e as suas reformas ao longo do tempo. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 24, p. e9, 2020.

BARJA, W. Intervenção/ter invenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 20 de Junho de 2014. **Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Medicina**. Brasília, DF, 2014. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Med.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2023.

CATAPAN, S. DE C.; OLIVEIRA, W. F. de; ROTTA, T. M. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 9, p. 3417–3429, set. 2019.

CIACO, R. J. A. S. A arquitetura no processo de humanização dos ambientes hospitalares [dissertação]. **Biblioteca Digital USP** (2010). Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-05012011-155939/pt-br.php>> Acesso em: 02 out 2023

FARIA DE MOURA VILLELA, E.; JUNIOR DA COSTA, C. Humanizando a medicina por meio da comunicação & arte. **Revista Extensão & Cidadania**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 108-118, 2020.

FELONTA, S. M.; ROHR, R. V. Experiências extensionistas no projeto “Imagens da Vida: arte, saúde, história”: relato da bolsista. **Revista Em Extensão. Uberlândia**, v. 21, n. 1, p. 176-191, jan.-jun. 2022

LIMA, E. A. *et al.* Interface arte, saúde e cultura: um campo transversal de saberes e práticas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1019–1022, out. 2015.

SILVA, E. C. M.; BAUER, C. O caráter pedagógico do Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Revista ambiente educação**. v. 6, n. 2, p. 295-314, 2013.

CAPÍTULO 2 - ÖTZI

Othon de Carvalho Bastos Neto

Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Estadual da
Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL
<http://lattes.cnpq.br/2952451359110410>
othon.neto@uemasul.edu.br

João Nicolas Sallem Rocha

Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Esta-
dual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL
<http://lattes.cnpq.br/0724570988615952>
joao.rocha@uemasul.edu.br

Maria Teresa Cutrim de Sousa

Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Esta-
dual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL
<http://lattes.cnpq.br/9305963084024896>
maria.cutrim@uemasul.edu.br

Maria Clara Freire Pessoa Costa

Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Estadual da
Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL
<http://lattes.cnpq.br/9971552274236040>
maria.freire@uemasul.edu.br

Marcos Vinícius Soares Silva

Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Univer-
sidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9061791464929474>;
marcos.soares@uemasul.edu.br

Júlia Marreiros Silva

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/3917693322471058>
julia.silva@uemasul.edu.br

Jhessye Santos Botelho

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8582799318477097>
jhessye.botelho@uemasul.edu.br

Gabriel Alves Lima

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1700197042770241>
gabriel.lima@uemasul.edu.br

Eslainy Xavier Matos

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2149325750597375>
eslainy.matos@uemasul.edu.br

Dantas Sousa Braga

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/5926299580315121>
dantas.braga@uemasul.edu.br

Judith Carneiro Maciel

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/0011404355683837>
judith.maciel@uemasul.edu.br

Versos de Cura: Arte e Medicina - Othon de Carvalho Bastos Neto

Na paleta da saúde, a medicina em arte se envolve,
Médicos e artistas, a jornada se resolve.

Pincéis de cuidado traçam a cura com ternura,
Na tela da vida, a esperança se mistura.

O diagnóstico, um quadro de entendimento,
Cores de atenção em cada movimento.
Cirurgiões, escultores de destinos a esculpir,
Arte e medicina, numa dança a persistir.

Na sala de espera, histórias se entrelaçam,
O médico, um contador, em laços que abraçam.
Empatia e compaixão, como tinta no pincel,
Arte e medicina, numa aliança sem igual.

Consultório, palco onde a saúde se encena,
A medicina, uma poesia que acalenta e serena.
Cuidados são versos, em cada consulta escrita,
Arte e medicina, na jornada da vida infinita.

Médico Médio - *João Nicolas Sallem Rocha*

Acorda cedo, bota o jaleco
Entra no consultório, luva sintética
Passa o antisséptico
Essa é a rotina
De um médico médio
Tédio, incurável
Sem paixão pela sua profissão
Lamentável...
“Doutor, estou com dor na mão”
Finge que está estável e manda pra outro plantão
Dos seus instrumentos, quase nada usa
Três hospitais em dois municípios,
Uma rotina confusa

Uma inversão de princípios
Em busca de notas difusas
Ao invés de se preocupar
Com coisas profundas
Para ser um médico de verdade,
E não um médico médio,
Temos que nos acostumar com a saudade,
Com a prescrição de remédios,
Com tratamentos e insucessos
E com a mesmice da rotina,
Essas coisas que esfriam nossa hemoglobina
E nos fazem questionar sobre a medicina
Por isso, pergunto ao leitor
Medicina é tratar, ajudar ou amar?
Por dinheiro ou por amor?
Independente da resposta,
O importante é cuidar
Cuidar com empatia
Como se fosse sua tia, irmã ou sobrinha
Acabando com a patifaria
Que nos acostumamos a ver
Na modernidade líquida

Amar amor - *Maria Teresa Cutrim de Sousa*

O amor é engraçado
Tem tantas formas e jeitos que me perco dentro do amar
Muitos pensam muito no amor romântico
Mas esse é um dos mil amares da vida;
Eu conheci um amor diferente
Um amor que ninguém nunca me falou sobre
Que não era sobre alguém nem algo específico

Era sobre tudo;

Eu passei a amar o amor e a vida em todos os seus planos
Decidi que queria fazer com que as pessoas se
sentissem amadas
Nesse momento eu encontrei minha linguagem: o cuidar
Cuidar é amar;
Com isso eu entendi o que deveria fazer,
quem deveria ser
Escolhi a medicina como meu meio do cuidar
Para poder retribuir todo esse amor
Não amando somente para fora de mim, mas para dentro
também.

Cordel da saúde - *Maria Clara Freire Pessoa Costa*

No palco da vida, o doutor é o artista,
Com seus conhecimentos, a cura é conquista.
Com bisturis afiados, como punhais certos,
Corta males, sutura dores, feito um verdadeiro guerreiro.
No verso da receita, a poesia da cura,
Remédios e cuidados, a esperança se apura.
No laboratório do corpo, a análise é feita,
Células dançam a dança da vida, perfeita.
Doutores e enfermeiros, na lida diária,
São heróis sem capa, na saga solidária.
No combate às doenças, na busca do alívio,
A medicina é farol, no escuro do desvio.
Prevenção é a chave, o segredo da saúde,
Evitar males, é como plantar virtude.
No cordel da vida, o corpo é poesia,
E a medicina, a melodia da harmonia.

Assim, termina o cordel, nessa trama de esperança,
A medicina, arte sublime, que nunca cansa.
No cenário da existência, a saúde é o troféu,
Cantemos juntos, a medicina, num belo cordel.

Poema baseado em uma obra do poeta Bráulio Bessa

Marcos Vinicius Soares Silva

Sendo eu um aprendiz,
A vida já me ensinou
Que besta é o amoador
Lembrando que não estudou,
Magoando a cicatriz,
Esquece de ser feliz
Com o vestibular que conquistou!
Mas, não é só alegria
Pra estudar, modular, LMF e Tutoria.
O meu e o seu caminho
não são muito diferente
Tem HM, PCM, HCM para formar a gente
“Não desanime por nada,
Pois até uma topada
Empurra você pra frente”
A medicina não é fácil
Viver não é só sorrir
Um período após o outro,
busca-se evoluir
Seguindo firme na meta
Aprendendo por aí!
Residência, especialização
Também são uma opção
Importante mesmo é seguir na missão
Não se esquecendo o principal,

Ajudar o seu irmão!

Soneto Divinal -*Júlia Marreiros Silva*

Medicina, arte que a vida alcança
Cirurgiões, artistas com bisturi na mão
Tendo como *playlist* as batidas do coração
Na paleta da cura, dão prognóstico de esperança

Ambulatório, cântico rotineiro de diagnósticos
Cada sinal é pista
Cada anamnese uma personalizada coreografia
Eu, médico, faço uma dança de estetoscópios

Radiografias, quadros do nosso interior revelado
Análise de arte, precisão vital
Meu trabalho é ter o antígeno encontrado

Eu, med-lírico, tenho como fala final
Dizer que talvez tenha falhado nesse poema ilustrado
Mas o que seria a medicina senão uma arte divinal?

Medicina em Tela -*Jhessye Santos Botelho*

Do Senhor ao Doutor
Não tem quem negue
Que a medicina feita com amor
É a arte mais entregue
Mas a arte então
Por ser tão curativa e bela
Nesse ponto de vista, ora não

Não poderia ser medicina em tela?
Os dois se completam
Não há como negar
Medicina e arte se integram
É uma forma de se humanizar
É preciso dizer, por fim
Medicina e arte nunca podem se desvincular
Uma vez que é com os dois, enfim
Que o cuidado holístico pode continuar
Pois arte e medicina é, e sempre será, sinônimo de humanizar

Não deixe de tentar - *Gabriel Alves Lima*

Quando você passa muito tempo
tentando algo sem conseguir
Então começa a não acreditar em si,
decrépito pelas adversidades
Duvidar de sua capacidade, de sua sanidade,
de sua felicidade
Pensando em formas de simplesmente fazer
a dor parar de existir
Preso no tempo, por anos, sentado na mesma
cadeira de sala de aula
Será que um dia esse ciclo vai acabar?
Às vezes parece interminável
Mas, uma coisa que nunca fiz pensar em desistir,
agarrei-me no sonho
Acreditei, persisti e chegou o dia que me trouxe
uma felicidade imensurável
Será que valeu a pena?
Todas as noites não dormidas, pensamentos definhando
Todos os choros após provas, todo o pavor,

medo, crises, ansiedade
Tantos “nãos” ouvidos, incontáveis vezes
em que quase estive lá, lutando pela felicidade
Imensuráveis abdições, focando em um dia
conseguir entrar no curso que sonhei
Será que valeu a pena?
Isso só o tempo irá dizer, o que posso fazer é continuar
São novos desafios, uma nova realidade,
aprendendo na medicina
Mas de uma coisa tenho certeza, não irei parar de tentar
Afinal, a vida é sobre isso, persistir e
nunca parar de sonhar.

Arte de cuidar - Eslainy Xavier Matos

Na penumbra da vida ela se encontra
Com um cigarro entre os dedos e um sorriso pra conta
Não pode! É proibido! Faz mal!
Deixa, o cuidado precisa ser integral

Dor física: morfina, tramal
E o medo? Quem cuida do emocional?
Para além de diagnósticos a medicina se expande
É ciência, é razão e humanidade no volante
É olhar atento, alívio do sofrimento
Saber que uma vida vale mais que um orçamento
No leito do cuidado a dignidade ressurge
É trato humano, abraço que urge

No palco da existência a vida é protagonista
A doença por vezes invade, se fazendo de artista
Medo, angústia, desesperança e aflição
Prepara medicina: luz, câmera, ação

Ainda que não tenha cura
A caminhada não precisa ser dura
Atos de prazer, na luz da despedida
Vestígios da medicina, uma aliada da vida

Sem Título - Dantas Sousa Braga

Na paleta da vida, onde cores se misturam, Medicina e arte, um compromisso que fulgura. No coração do médico, a responsabilidade reluz, Entre pincéis e bisturis, uma jornada que seduz.

A tela da saúde, em branco, aguarda a mão do artista, O médico, com seriedade, inicia a conquista. Diagnosticar é traçar linhas na tela do destino, Cuidar é pintar a esperança com amor divino.

No ateliê do consultório, o médico é mestre e aprendiz, Entre tintas de conhecimento, a sabedoria se condiz. A responsabilidade é a paleta que guia a mão, na arte da cura, na ciência, na compaixão.

A cirurgia, um espetáculo de precisão, o médico, diretor, assume a missão. Bisturis como lápis, desenhando a cura, responsabilidade que ecoa, que perdura.

Na enfermaria, cada leito é uma tela em branco, O médico,

com zelo, escreve um novo capítulo franco. A responsabilidade é o fio que tece a trama, Na arte da medicina, onde a cura se aclama.

No coração do paciente, a esperança floresce, a responsabilidade do médico, como luz que aquece. Entre os traços da arte e os códigos da ciência, a profissão é um juramento, uma eterna consciência.

Medicina e arte, na mesma sinfonia, Responsabilidade, a melodia que guia. O médico, artista da vida, com humildade e arte, desenha a cura com responsabilidade, parte a parte.

A Escolha - Judith Carneiro Maciel

E tudo começa na infância, quando te perguntam:

“- O que você vai ser quando crescer?”

E você, pequena, com medo de responder

Diz: - “Pediatra”

Eita, que audácia

Logo uma profissão tão almejada

O tempo vai passando

Junto com seus anos escolares

E percebe que certas escolhas

São muito singulares

Dentre elas, escolher sua faculdade

E antes de tudo, ter certa liberdade

Até porque a aprovação

Sempre foi sinônimo de libertação
E junto disso, no futuro
Construir o seu mundo
Longe de tudo aquilo que, muitas vezes, te limitava

Mas o que ninguém contou
Era que a jornada até a aprovação seria tão cansativa
E cheia de provações
Dentre elas a ansiedade
E o medo de falhar
Principais inimigos de quem presta vestibular

E a base de muito esforço e dedicação
Ainda assim era comum ouvir muitos “nãos”
E ser reprovada nas provas
Era quase uma sentença de falência
Para quem vivia aquela penitência

Mas não era motivo para desanimar
Até porque dentro dela
Havia motivos para acreditar
E uma voz interna que dizia: “pediatra você será”

E esse foi o gás
Que a impediu de desistir
E sabia que no fundo
Tudo valeria a pena
Nessa vida que levamos
Tão temporária e perene

E o “sim” finalmente veio
Depois de tantos “nãos”
E passar para medicina em uma universidade pública
Fez aquela garotinha acreditar
Que sempre há motivos para sonhar

E não desanimar

E hoje vivendo essa realidade

Ela percebe que tudo na vida

É questão de fase

E a reprovação

Também ensina uma lição:

É melhor morrer tentando

Que desistir de uma grande missão!

CAPÍTULO 3 - PAPIRO EBERS

Bruno Alves de Sousa

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2214730034703480>;
bruno.sousa@uemasul.edu.br

Mateus Cardoso Brito

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/0106590409559023>
mateus.cardoso@uemasul.edu.br

Saul Felipe Oliveira Vêras

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1078448251768733>
saul.veras@uemasul.edu.br

Ítalo Moisés Mendes Santiago

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/53308521245745425>
italo.santiago@uemasul.edu.br

Matheus Monteiro Costa

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/0336784147875135>;
matheuscosta.20200005102@uemasul.edu.br

Ana Luiza Espínola Lobo

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1899773435981604>

ana.lobo@uemasul.edu.br

Gabriel Gomes Nascimento Campos

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9146130590993193>
gabriel.campos@uemasul.edu.br

Weslei Melo da Silva

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1417702943195623>
weslei.silva@uemasul.edu.br

Tradição e Medicina -*Bruno Alves de Sousa*

Cansaço e sonolência há duas semanas.
Falta de alimentos não é. Como feito uma onça.
Suco bebo uns três diferentes todos os dias.
Melhor agendar uma consulta
Isso é quebrante dos fortes, senhora.
Tem que chamar a rezadeira urgente.
Tirar esse mau-olhado.
Deve ser inveja das brabas em cima.

Verdade Joana. Encontrei amigas da infância.
Saí com tantos elogios.
Nunca vi tamanha simpatia

Chame a rezadeira sim. Mau-olhado pode ser que tenha pegado.
Mas chama só na sexta.
Quinta já deixo agendado a consulta com o doutor Geraldo.

O artista da cura - *Mateus Cardoso Brito*

Em uma manhã afirmou, vou ser artista
Falou para mãe, pro pai e até para prima
Foi taxado de louco, lunático e sem perspectiva
Ele estudou e se graduou em medicina
Mas ué? Ele não seria artista?
Sim, ele seria e um dos melhores dessa vida
Detinha vários materiais, o estetoscópio era sua palheta
O conhecimento era sua trincha
Os pacientes seriam as telas
Era um pintor da profilaxia

Afinal, para ele, a medicina é a arte da cura!

E assim, ele provou para todos, que realmente era um artista.

Sem Título - *Saul Felipe Oliveira Vêras*

Da Anatomia Superficial
à Anatomia Pro
fun
da

Camadas
su per fi ci ais
proooofuuuuuundaaaaaaaassssssssss

Orelhas, olho, braço, perna, cérebro, coração.
A metade da anatomia superficial que se ajusta com a outra
metade profunda;
Criação espetacular arquitetada.

Orelha: meato acústico externo, tímpano, martelo, bigorna, estribo, (superficial).

canais semicirculares, cóclea, nervo vestibular, nervo coclear, meato acústico interno (profundo).

Olhos: pálpebras, córnea, esclera, íris, corpo ciliar, cristalino, humor vítreo, Retina, nervo óptico.

Braço: músculo braquial, bíceps braquial, coracobraquial, tríceps braquial, Osso úmero, plexo braquial, artéria braquial, veia cefálica, basílica.

Perna: músculo gastrocnêmio, sóleo (superficiais), poplíteo, flexor longo do hálux (profundos), Fêmur, patela, tíbia, fíbula, Artéria femoral, veia femoral, veia safena magna, safena parva.

Cérebro: meninges, córtex cerebral, mesencéfalo, ponte, medula, cerebelo, corpo caloso, diencéfalo.

Coração: epicárdio, miocárdio, endocárdio, átrios, ventrículos, artérias pulmonares, aorta, veias cava superior e inferior, tricúspide e mitral.

Orelha e olhos interligando exterior e interior do corpo, com a beleza das sensações.

Que se transforma em emoções.

Músculos, vasos sanguíneos e ossos se conectam ao cérebro para a locomoção.

Exteriorizando uma resposta interna determinada.

O coração se integra ao cérebro em movimentos rítmicos e coordenados.

Conforme as emoções de humanidade expressadas.

Do profundo ao superficial,

Do interior ao exterior,

Do psíquico ao físico,

Uma verdadeira máquina concebida.

A MÁQUINA ESPECIAL CHAMADA HUMANO

Minha memória afetiva com a Medicina - Um Poema -
Ítalo Moisés Mendes Santiago

A minha relação com a Medicina,
Vou lhes dizer como começou:
Quando foi que me encontrei com esta sina
Que na minha infância se apresentou.

Esse contato inaugural
por um certo pediatra foi mediado,
que despertou um chamado fatal:
“Quero poder cuidar da forma que hoje fui cuidado!”

Alguns anos se passaram
E esse sonho foi compartilhado
Com os genuínos que acreditaram
E que sempre estiveram ao meu lado
Um deles foi a dona Maria!
Vocês tinham que ver a alegria,
No dia que soube a esposa do agricultor:
“Que o seu neto mais novo decidiu que queria ser dotô!”

Mas antes da minha vó, souberam os meus pais:
Minhas colunas, sempre presentes e fundamentais.
Mas, mesmo que fosse longe da nossa realidade,
Sempre surgia um certo soldador,
Que em nenhum momento titubeou:
“No tempo de Deus, isso já se tornou verdade!”
Sim, foi essa fé em Deus,
Esse elemento essencial,
Que me fez perseguir esse sonho pelos meus
E ver que poderia um dia se tornar real.

Pulamos pra 2016 e recebo um presente especial
Uma resposta de oração, uma mulher sem igual.

Ela veio pra somar e também pra compartilhar.
Sim, até mesmo o sonho de um dia médica se tornar!
Todavia, tempos depois, veio a pandemia,
momento de perdas, incertezas e turbulências.
E o sonho que imaginei desfalecer, ele cada vez mais ardia:
Era Deus me ajudando com conhecimento e resiliência!

E cá estamos em 2023,
No quarto período de Medicina estou.
Aquela minha vó querida? partiu em 2016!
E não soube que seu neto passou pra ser dotô...

Portanto, saibam que, se ainda estou aqui,
é pela minha família e pelo meu Salvador,
Mas também para o carente receber e sentir
Não apenas o cuidado tecnicista, mas o do Verdadeiro Amor!

Soneto do Agouro - *Matheus Monteiro Costa*

A chama se reduz
Hoje há quase breu
Onde antes havia luz
A esperança morreu?

Em mim não mais reluz
A fé que já se deu
E a vontade que dispus
Já não aposto em plano meu

Mas conforme o tempo passa
Tudo se rende a mudança
E mesmo o escuro despeça

Então mantenho a esperança
Pois o mau agouro passa
Conforme o tempo avança

O Cuidar - *Ana Luiza Espínola Lobo e Gabriel Gomes Nascimento Campos*

da mente?
do corpo?
da alma?
do ser vivo?
do ser humano?
da coisa?
da vida?
nada específico.
Apenas cuidar
intrínseco ao ser
tal qual o ar que respiro
tal qual arte
A ARTE DE CUIDAR
entrelaçada na tela da vida
bem como as veias
que o sangue levam ao coração
medicina e arte: a sincronia da missão.

Painting for Saints - *Weslei Melo da Silva*

Banksy. Painting for Saints. Stencil. 2020



Fonte: BBC Uk

Resolvi falar sobre a obra de arte intitulada “Painting for Saints” e apelidada de “Game Changer”, haja vista todo o contexto que ela representa. A obra trata-se de uma homenagem aos profissionais de saúde, feita pelo artista de rua britânico, Banksy no ano de 2020.

Em síntese, a pintura “Game Changer” retrata um menino brincando com uma boneca vestida de enfermeira/médica, usando capa e máscara facial, enquanto outros bonecos de super-heróis estão em uma cesta de brinquedos. A obra de arte foi doada pelo artista ao University Hospital Southampton (UHS) em maio de 2020, durante a primeira onda da pandemia do novo coronavírus no Reino Unido.

Sem formalidades, irei falar rapidamente sobre o que foi a COVID-19 para mim. Num momento de extremo caos social em que todo o mundo vivia uma pandemia, e inúmeras vidas eram perdidas para um vírus tão perigoso, eu estudava, numa pós-graduação, as consequências deste vírus, até então desconhecido, à saúde dos profissionais de Enfermagem. Dito isso, destaco que a pesquisa realizada por mim durante o Mestrado, e intitulada “Aspectos clínicos e geoepidemiológicos da COVID-19, em profissionais de enfermagem do estado do Maranhão” me possibilitou perceber como estes profissionais são, de fato, heróis.

Acredito que Banksy, tentou não só mostrar aos profissionais da saúde, em especial os da enfermagem, a importância que eles têm para a saúde da população como um todo, mas também dar luz ao que governos e a própria sociedade, muitas das vezes insiste em manter apagado, que é o ser humano que existe por trás da máscara e do jaleco.

Segundo pesquisas feitas na internet, sabe-se que Banksy deixou um bilhete para os funcionários do hospital, dizendo o seguinte: “Obrigado por tudo que vocês estão fazendo. Espero que isso ilumine um pouco o lugar, mesmo que seja apenas preto e branco”.

Parece-nos óbvio, mas insisto em destacar que o que de fato se quer é o reconhecimento profissional que os profissionais da saúde merecem, salários dignos, melhores condições de trabalho, qualidade de vida com assistência à saúde dentro e fora do ambiente laboral, uma vez que são

profissionais que sofrem com as longas jornadas de trabalho, e que durante a pandemia foram ainda mais exaustivas, tendo em vista que muitos profissionais adoeceram e outros morreram em decorrência da COVID-19, principalmente, os da enfermagem, que estiveram na linha de frente da pandemia, em contato direto com pacientes suspeitos e confirmados com a doença. Num primeiro momento contando com a sorte, pois muito pouco se sabia a respeito da doença, e assim muitos morreram, por falta de conhecimento, de equipamentos de proteção individual e coletiva, descaso por parte de muitos governos, entre outras deficiências dos diversos sistemas de saúde no mundo, que com a pandemia foram agudizadas.

Fazendo um paralelo da ficção com a realidade, nas tramas cinematográficas em que super-heróis salvam a nação, o que acontece é justamente isso, uma resistência dos governantes em perceberem a importância desses “personagens”, e com isso relutam em aceitar as contribuições que eles podem trazer.

Nesse sentido, e considerando o cenário brasileiro, a luta dos profissionais de enfermagem pela aprovação do piso salarial da classe, tem sido uma prova de como esses profissionais são desvalorizados, mesmo depois de tudo que vivemos e assistimos nos telejornais, profissionais da saúde morrendo, pessoas perdendo a vida por falta de vacina, de oxigênio, um total descaso governamental, é assim que eles são tratados.

No entanto, a luta continua. A sociedade, por mais influenciável que seja, acredita, na força que os profissionais de saúde têm, e de como eles são fortes diante das dificuldades. Acredita que existe um super-herói por trás de cada máscara branca, assim como aqueles que, com muitas cores, nas telas do cinema, salvam a humanidade das forças do mal. Acredito que Bansky retrata isso em sua obra.

CAPÍTULO 4 - CORPUS HIPPOCRATICUM

Francisco Randerson Ribeiro de Sousa Guedes

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8200837512588689>
francisco.guedes@uemasul.edu.br

Míuria Joyce Pereira Raposo

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<https://lattes.cnpq.br/1369170916832532>
miuria.raposo@uemasul.edu.br

Nahdya Carvalho Carrijo

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<https://lattes.cnpq.br/9325278601650972>
nahdya.carrijo@uemasul.edu.br

Sarah Ellen Barroso Rosario

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1548966501210718>
sarah.rosario@uemasul.edu.br

Camila Seabra de Oliveira

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/5347581134785610>
camila.seabra@uemasul.edu.br

Maria Clara Pereira Magalhães

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/0634765717583383>
maria.magalhaes@uemasul.edu.br

Cirurgião negro colocando ventosas - *Francisco Rander-
son Ribeiro de Sousa Guedes*

Jean-Baptiste Debret. Cirurgião negro colocando ventosas.
1826; aquarela sobre papel; 14,7 x 20,6cm
= assinado e datado.



Fonte: Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.

Os cirurgiões barbeiros foram uma figura importante na história da medicina, particularmente, durante a Idade Média e o Renascimento. Eles desempenharam um papel significativo no campo da cirurgia e no tratamento de diversas condições médicas da época.

Originalmente, a profissão de barbeiro envolvia não apenas cortar cabelo e fazer a barba, mas também realizar procedimentos médicos, como extração de dentes, sangrias, amputações e tratamentos de feridas. Naquela época, a medicina e a cirurgia não eram disciplinas claramente separadas, e os barbeiros eram considerados profissionais versáteis em ambos os campos.

No entanto, é importante destacar que os cirurgiões

barbeiros não possuíam o mesmo nível de conhecimento e treinamento médico que os cirurgiões modernos. Suas técnicas e práticas eram frequentemente baseadas em tradições antigas e crenças populares.

A aquarela intitulada “Cirurgião negro assentando ventosas”, criada por Jean Baptiste Debret em 1826, retrata um momento emblemático na medicina do século XIX. Debret, renomado pintor e desenhista francês que acompanhou a Missão Artística Francesa ao Brasil, captura com maestria a aplicação de ventosas, uma técnica médica comum na época, utilizada para tratar diversos problemas de saúde.

A figura central da obra é a de um cirurgião negro, possivelmente um escravo ou um profissional negro experiente nessa prática. Sua presença na pintura ressalta a marcante influência da cultura africana e afro-brasileira no campo médico daquela época.

Essa obra de Debret carrega consigo um inegável valor histórico e antropológico, proporcionando um registro autêntico da medicina brasileira do século XIX. Ela evidencia a rica diversidade cultural que permeava a prática médica naquela época, ao retratar o cirurgião negro exercendo suas habilidades terapêuticas com destreza.

Além disso, a pintura suscita reflexões profundas sobre o contexto social e racial da época, quando a escravidão ainda persistia no Brasil. Ela destaca, de forma impactante, a contribuição dos afrodescendentes para a medicina, ao mesmo tempo em que nos confronta com as desigualdades e injustiças sociais que caracterizavam a sociedade brasileira do período.

Em tempos atuais, a obra “Cirurgião negro assentando ventosas” continua a provocar um impacto relevante. Ela nos instiga a refletir sobre a importância de valorizar a inclu-

são e o reconhecimento da contribuição de diferentes grupos na história da medicina, além de nos estimular a buscar a equidade no acesso à saúde e a combater quaisquer formas de discriminação no campo médico.

Antes da Operação - *Múria Joyce Pereira Raposo*

Henri Gervex. Antes da Operação. 1887; óleo sobre tela; 285 x 231 cm



Fonte: Museu de Orsay

A pintura retrata um momento histórico no campo da medicina, em que o Dr. Jules-Émile Péan está ensinando sua descoberta do pinçamento de vasos sanguíneos, no Hospital Saint-Louis, em Paris. Francês, do século XIX, o Dr. Péan foi conhecido por suas contribuições para a cirurgia vascular e abdominal. Ele foi um dos pioneiros no uso de pinças para

controlar o fluxo sanguíneo durante procedimentos cirúrgicos, o que reduziu significativamente a perda de sangue e aumentou a eficácia das operações.

Henri Gervex, pintor francês do século XIX, ficou conhecido por suas obras realistas e por retratar eventos históricos e sociais em sua arte. A obra em questão é uma homenagem ao avanço médico. O artista captura o momento de instrução e aprendizado, ressaltando a importância da educação e do compartilhamento de conhecimento na medicina. Não obstante, ele buscou imortalizar um momento significativo na história da medicina e destacar a importância da inovação e do avanço científico na sociedade.

Na pintura de Gervex, vemos o Dr. Péan em uma sala de aula, cercado por outros médicos e estudantes de medicina. Ele está demonstrando sua técnica, mostrando uma pinça que segura os vasos sanguíneos. O ambiente é retratado com detalhes precisos, com boa iluminação e equipamento médico, as vestimentas e a atenção concentrada dos presentes fica bem evidente.

O pintor escolheu uma composição vertical que lhe permite detalhar o ambiente físico e deixa entrar um fluxo de luz que delinea nitidamente as formas, exagerando o aspecto dramático da cena. O arranjo da obra é muito dinâmico, com deliberados olhares e gestos que se cruzam na composição.

O artista também fez questão de introduzir um conjunto de instrumentos cirúrgicos, dispostos sobre um pano

branco no primeiro plano inferior esquerdo, transmitindo acerca do avanço científico, uma mensagem de modernidade e boas perspectivas para a medicina.

Diante desse cenário, é notório que o pintor deixa a paciente em questão, uma mulher, em um plano de bastante exposição, sendo possível questionar a prática e os limites da objetificação do ser humano frente às necessidades do aprendizado e do conhecimento científico.

Ademais, pode-se abordar a temática da mulher como sujeito passivo desse ambiente machista que era o meio acadêmico no século XIX. Esta realidade é expressa na obra pela escolha da figura feminina para servir de estudo e, principalmente, pelas enfermeiras retratadas no plano de fundo da cena, que permanecem em uma dimensão posterior excluídas do contexto.

Por conseguinte, apesar da obra retratar uma inovação, ainda carrega consigo resquícios do atraso causado pela mentalidade patriarcal que se estruturou também, na vida acadêmica e científica, por muitos anos. Infelizmente, como já dizia o escritor irlandês Oscar Wilde, “A história da mulher é a história da pior tirania que o mundo conheceu: a tirania do mais fraco sobre o mais forte”.

A menina doente - Nahdya Carvalho Carrijo

Geirnaert Theodore Joseph. A menina doente. 1840; óleo sobre madeira



Fonte: Museu Hermitage

A pintura em tela à óleo de Geirnaert Theodore, retrata um médico, do início do século XIX, em atendimento domiciliar de uma criança acamada. O pintor desenhista belga conhecido por suas pinturas de gênero, retratos, pinturas históricas e religiosas, nasceu em 1790 em Eeklo, Bélgica.

Sua obra retrata um médico húngaro em atendimento domiciliar de uma menina acamada, onde o médico encontra-se em primeiro plano e os pais e demais membros da família em segundo plano.

Essa maneira de retratar o médico, como um ator

principal, era a forma das famílias de homenagear o profissional que as ajudou em momento de angústia.

Era comum que as famílias da época, como agradecimento aos serviços médicos prestados, solicitassem uma pintura feita dessa forma, como agradecimento ao médico e também como reverência à memória das crianças que morriam pelos mais variados motivos, visto que a medicina ainda não estava avançada o suficiente para impedir que os pequenos morressem dos mais diversos tipos de infecções virais e bacterianas.

No entanto, a medicina avançava no início do século XIX, época em que Louis Pasteur descobriu os germes e iniciou-se a prática de antissepsias antes das cirurgias, foi também a mesma época em que se percebeu que as técnicas de sangria não tinham eficácia para a cura de pacientes.

Logo, o que se conclui da análise da obra é que, apesar do conhecimento científico ainda estar limitado, o papel do médico era visto com admiração dentro da sociedade e dos cuidados da saúde da família.

Atualmente, apesar da medicina ter se tornado altamente especializada, essa figura do médico mais generalista, que conhece seus pacientes e os visita quando possível, voltou a ser valorizada.

Isso ocorre porque, apesar do médico especialista estar mais atualizado em relação aos avanços da medicina, as pessoas se sentem desamparadas quando tem algum problema de saúde mais simples. Sentem falta de do médico de

família que conhece seu histórico e acompanha sua vida ao longo do tempo.

Dessa forma, pode-se afirmar que o Programa Estratégia da Família, é muito eficiente em trazer de volta essa prática, do olhar mais próximo ao paciente, em seu núcleo familiar, pois as famílias cadastradas no programa são constantemente visitadas por um Agente Comunitário de Saúde, tendo assim acesso aos serviços médicos do enfermeiro da Unidade Básica de Saúde de Referência, assim como do médico generalista responsável por sua área.

Análise de obra artística - “O grito”, de Edvard Munch - *Sarah Ellen Barroso Rosario*

Edvard Munch. O Grito. 1893; óleo sobre tela;
91 x 73 cm



Fonte: National Museum of Art, Architecture and Design

“O grito” é uma famosa obra do expressionismo datada de 1893. Perpassando épocas, a pintura permanece intrigante e cheia de emoções, congelada no tempo. O motivo da escolha dessa peça para análise é simples: ela retrata, de forma exagerada e explícita, sentimentos que comumente são tidos com vergonha pela sociedade: medo, ansiedade e terror.

O grito silencioso capturado na pintura pode ser interpretado como uma representação da solidão e do isolamento. A figura parece está imersa em um ambiente opressivo e ameaçador, representado pelo céu vibrante e pela paisagem distorcida ao fundo.

Apesar disso, gosto dessa pintura. Pode ser perturbador para a maioria das pessoas olhar para a retratação de desespero, mas me traz paz. Em algum lugar, entre o som eternizado na tela e os traços marcados e distorcidos, a composição transmite calma.

Expressar seus sentimentos, por pior que eles sejam naquele momento, é uma ação subestimada pela sociedade. Embora pareça um exagero retratar dessa forma, por vezes é possível se pegar imaginando quão grande desespero o artista estava face a face, quão grande era o mar de emoções dentro dele- você já fez isso?

Não importa o que era, não importa se o sentimento era próprio ou projetado. O mais importante é que foi “colocado para fora”, externado para todo o mundo, quer fosse bonito ou não de enxergar. E, a julgar pelo sucesso da obra, as

pessoas gostaram do que ouviram silenciosamente o pintor falar.

Embriologia do sistema urinário e Linhas Anatômicas - *Camila Seabra de Oliveira e Maria Clara Pereira Magalhães*

Este trabalho é realizado em dupla por acadêmicas do 3º semestre do curso de medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Camila Seabra de Oliveira e Maria Clara Pereira Magalhães.

O processo criativo teve início com a inspiração nas obras do artista Jean-Michel Basquiat o qual possui bastante obras em grafite com elementos da anatomia. Essa temática não foi à toa, em 1969, Basquiat foi atropelado por um carro, sofrendo diversas fraturas. Quando ficou internado no hospital, sua mãe o presenteou com uma cópia do livro *Anatomia de Gray*, que se tornaria uma inspiração para seus desenhos anatômicos posteriores.

Diante disso, percebemos que a arte está presente diariamente em nossa rotina, de forma a nos ajudar a entender e a compreender mecanismos e partes do corpo humano.

Assim como Basquiat, realizamos inúmeros desenhos anatômicos que auxiliam nosso aprendizado diariamente, de tal modo que este trabalho veio para refletirmos que todos nós temos uma face artista que se expressa por várias maneiras, cabe a nós pararmos, refletirmos e, por

CAPÍTULO 5 - LIBER CONTINENS

Helton Zheus Azevedo Mota

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/6797488102527426>
helton.mota@uemasul.edu.br

Vitória Ferreira Cardoso

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/3736681668858753>
vitoria.cardoso@uemasul.edu.br

Alexandros Páris de Mesquita Ipácio

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1995984574544329>
alexandros.ipacio@uemasul.edu.br

Laura Batista Cruz

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
laura.cruz@uemasul.edu.br

Anna Lethycia Machado Ramos

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/6775131199632525>
anna.ramos@uemasul.edu.br

Maria das Graças Mendes Rodrigues

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9518412104113666>

maria.rodrigues@uemasul.edu.br

Elizabet Taylor Pimenta Webá

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9924583546058680>
elizabet.weba@uemasul.edu.br

Asafe Diniz Matos

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8923223830315603>
asafe.matos@uemasul.edu.br

Myrele dos Santos Elouf Simão

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4906186693015545>
myrele.simao@uemasul.edu.br

Renascer - Helton Zheus Azevedo Mota e Vitória Ferreira Cardoso

Renascer. Helton Zheus. Lápis sobre papel. 2024



Fonte: Acervo autor

A obra artística autoral “Renascer” representa o momento sublime da espera ansiosa do feto pelo seu nascimento, sendo a máxima representação da complexidade morfofuncional do feto que antes, a princípio, era um singelo embrião e após diversas transformações torna-se um feto e, conseqüentemente, um novo ser humano.

Além disso, a obra não somente restringe-se ao novo ser que está esperando o momento certo de sua chegada, mas também dá o protagonismo a quem se torna coadjuvante durante todo o período, que é a gestante.

Nesse sentido, a obra busca retratar de modo sutil a exposição da mãe que gesta e do feto que está sendo gerado. Sendo assim, a síntese da importância do sentido da vida que para a sociedade, em geral, é o simples viver, porém para um feto em processo intrínseco de desenvolvimento e crescimento é basicamente aquilo que a vida fetal demanda que seja feito em cada circunstância concreta desde um simples batimento cardíaco até um movimento fetal de um membro, sendo a representava de um aqui e agora, algo que no momento durante o período fetal não haverá uma substituição, mas sim uma singularidade.

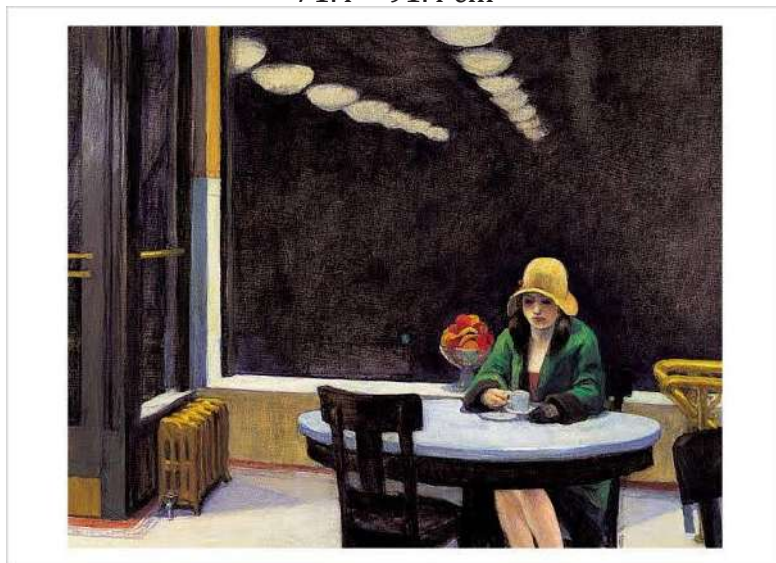
Nessa circunstância, a obra “Renascer” transmite a presença de uma unicidade individual que é basicamente a presença de uma exclusividade em cada pessoa humana, trazendo à tona a utilização da ideia do ser humano, ser alguém que é insubstituível recaindo sobre o feto a noção de originalidade.

Já a Mãe como a que gesta essa nova vida exprime

Ao fazer essa imagem, foram usados termos que compõem o cotidiano, principalmente, dos acadêmicos de medicina e que são fundamentais para a fundação de um profissional de qualidade. Além disso, a composição final forma uma máscara, objeto utilizado diariamente pelos profissionais da saúde, e que representou a linha de frente ao combate da epidemia de COVID-19, se tornando de uso propagado para toda a população como medida preventiva.

Automat - *Laura Batista Cruz*

Edward Hopper. Automat. 1927; óleo sobre tela
71.4 × 91.4 cm



Fonte: Des Moines Art Center, Des Moines

No café da cidade, sob a luz sombria,
 Edward pinta a sólidão com tinta e cor.
 Nesse cenário de silêncio, o médico pode encontrar o seu
 valor.
 Entre copos de café e máquinas frias,
 Um retrato emerge de almas vazias.
 Aquela mulher precisa de cuidados
 E aquele cujo papel é cuidar não poderia isso ignorar.
 A paciente solitária, rosto encoberto.
 No silêncio do quadro, sob o olhar do doutor, ecoa a com-
 paixão e um sutil diagnóstico:
 os batimentos da paciente são de tristeza.
 E assim, Medicina e Arte podem ser entrelaçadas em perfei-
 ção.
 Sob a luz tênue, a essência do curar é mostrada.

Melodia do Coração - Anna Lethycia Machado Ramos

Melodia do Coração
 ECG

Anna Lethycia Machado

Fonte: Acervo da Autora

O Tempo é sua morada - *Maria das Graças Mendes Rodrigues*

A música de “Francisco El Hombre”, grupo musical formado em 2013, fala sobre o processo de luto vivenciado pelo eu-lírico que se depara com a imagem ainda vívida da pessoa amada e reafirma seu compromisso de não esquecê-la ao longo dos 5 minutos e 8 segundos em que a canção se desenrola.

“Trago no peito costuradas
Contas de memória fresca
Pão quentinho sobre a mesa
O cheiro sobe a escada
Acordo e não vejo nada
O tempo é sua morada”

Consoante à frase de Cris Pizzimenti, segundo a qual a pedagoga e poetisa diz ser feita de retalhos, pedacinhos coloridos de cada uma das vidas que passou pela dela e que vai costurando, gradualmente, na alma, a estrofe inicial da música começa com a menção das inúmeras memórias que o eu-lírico traz “costurada no peito” e que são carinhosamente lembradas não apenas em momentos excepcionais do cotidiano, mas no cheiro de pão sobre a mesa ou no simples ato de acordar e não se deparar com sua anterior companhia deitada ao seu lado. Justamente os momentos em que o indivíduo costuma não dispor da parcela significativa de pessoas que o cercavam no momento do enterro.

Costurada em zigue-zague
Café preto e um cigarro
Seu canto e gargalhada

Ecoando pela casa
O tempo é sua morada”

A todo momento é reiterado que mesmo que o que viveram juntos esteja conjugado no passado, é um passado que se mantém tão presente pelas lembranças e afeto nutridos que chega ao ponto do eu lírico conseguir ouvir o canto e gargalhada ecoando pela casa. Ao mesmo tempo que isso o enche de alegria, também causa, inicialmente, uma sensação de vazio ao perceber que se trata apenas de impressão.

“Se o vento te levou, o tempo é sua morada
Se o vento te levou, o tempo é sua morada”

Os versos seguintes narram sobre o gradual processo de aceitação e percepção por parte do eu- lírico de que mesmo que as memórias dele sejam extremamente sólidas no seu imaginário e criem um espaço confortável no qual ele pode se proteger da dor que envolve o processo de luto causado pela separação física, essas memórias são apenas memórias e agora não correspondem à sua realidade.

“Não levo dor e nem tristeza
Ponho as cartas sobre a mesa
E a ferida cicatriza
Toda pena um dia passa
E o amor vira certeza
O tempo é sua morada”

O eu-lírico não negligencia seu sofrimento ou tenta suprimi-lo, na verdade, ele admite que havia ali uma ferida aberta, pungente, mas passa a entender que pode continuar amando muito a pessoa, sentindo sua ausência e dos momentos que vivenciaram todos os dias, porém que isso não o impede de continuar sua vida e permitir que a ferida cicatri-

ze no seu tempo.

Porque o deixar cicatrizar dessa ferida não significa um apagamento de parte importante da sua história ou indiferença ao ocorrido, não prolongar seu sofrimento, ininterruptamente, não é trair o amor que recebeu e sim, uma libertação tanto da sua alma quanto da alma da pessoa que ele amava.

“Não vou esquecer
Não vou esquecer
Vou te celebrar
Não vou esquecer
Vou te celebrar
Não vou esquecer
Vou te celebrar”

Por fim, o eu-lírico reitera que não irá esquecer ou apagar nada relacionado ao amor que sentiu e ainda sente, irá celebrar a memória em todas as oportunidades que tiver e assim guardá-la com ele por quanto tempo for lhe permitido existir.

A arte do cuidado - *Elizabet Taylor Pimenta Webá*

A arte do cuidado



Fonte: Acervo da autora

A medicina é um tipo de arte
A arte do “Seja bem-vindo, com o que posso lhe ajudar?”
A arte do “Obrigada, doutor, tu me salvaste!”
Que enaltece a arte de diagnosticar e de curar

É a beleza de escolher zelar por todos
Entendendo o preço de muitas vezes se ausentar dos seus...
Mas, aprendendo entre cansativos plantões e estudos.
O valor do sorriso daquele paciente cuja cura tanto torceu.

Ao contemplar o significado de uma obra de arte
É também desenvolvida a interpretação à beira do leito.
Uma habilidade para ganhar a confiança do paciente

E assim aumentar sua adesão ao tratamento.

Existe arte em estar ciente dos sentimentos.
Algo que envolve compreender além da anatomia humana.
A medicina é a arte de aliviar os sofrimentos.
Associando a ciência com a ética da relação médico-paciente cotidiana.

Essa “nova” medicina se assemelha ao artista,
Atuando diante de sua plateia pela preservação da vida
Combatendo uma cultura vigente imediatista.
Ao resgatar a importância de uma formação universitária humanista.

Muito tem se dito de um médico frio e distante.
Médico que parece tratar objetos inanimados.
Um reflexo da renúncia artística constante.
Daquele que se limita a processos patológicos complicados.
Pelo contrário, a arte deriva de uma empatia diária
Das manifestações profundas do psiquismo a ser defendido.
Do dever profissional de se interessar pela história
Daquele que a uma mera condição de doente está reduzido.

A medicina também precisa ser vista como uma arte simbólica.
Como uma prática antiga, mas que está em constante evolução.
Sendo retratada ao longo dos anos em pinturas históricas.
Heranças de cada etapa vencida no desenvolver dessa profissão.

Sem título - *Asafe Diniz Matos e Myrele dos Santos Elouf Simão*

Trabalho em UBS - Atendimento e preparação de vacina



Fonte: Acervo dos autores

A fotografia acima relata um dia de atendimento comum na Unidade Básica de Saúde (UBS), Parque Sanharol, Imperatriz-MA o retrato foi tirado pelas lentes de um celular no dia 27/01/2023, na ocasião, o acadêmico de medicina Asafe Diniz Matos estava a preencher o Prontuário Eletrônico do Cidadão (PEC).

“Bom, ao ver essa fotografia, recordo-me do início da minha graduação em Medicina, estava a aprender como iniciar um atendimento, na UBS, foi um período de muito aprendizado, contato prévio com os pacientes e conhecimento da área, também, posso me recordar de como a Medicina vai além de consultas ou exa-

mes, trata-se de antes de tudo ouvir o paciente para que esse se sinta acolhido e atendido.”

O dia a dia de um profissional da saúde é repleto, muitas vezes, por diversos atendimentos e diferentes tipos de pessoas, onde é comum que o médico ou o acadêmico esqueça dos rostos e dos casos dos pacientes.

Porém, a fotografia surge como uma forma de preservar a memória do profissional, para que esse lembre não somente dos pacientes e seus casos, como também para trazer à memória experiências e inícios, os quais marcam a vida acadêmica, como a fotografia acima eternizada.

A fotografia captura momentos, em essência, mais fidedigna, e é uma forma de arte que, além do visual, é capaz de despertar os mais diversos sentimentos no observador a depender de seus componentes variáveis como ângulo, iluminação e o conteúdo principal.

Os autores escolheram essa forma de arte por inspiração do trabalho do médico brasileiro Ary Bassous, que já ganhou prêmios internacionais pelos seus trabalhos com a fotografia médica.

A foto acima representa uma atividade ordinária para os profissionais de saúde, mas que, aos olhos de uma acadêmica, é extraordinária, e ela busca realizá-la sem erros. Assim, ela remete à importância de ver cada ato médico como único, e sempre buscar a perfeição na atuação médica.

Dessa maneira, cumpre-se o princípio da não-maleficência prezado pela bioética, jurado pelos médicos formados

e milenarmente propagado desde Hipócrates, pai da medicina, em seu conhecido lema “*Primum non nocere*” (primeiro, não causar dano).

CAPÍTULO 6 - DE HUMANI CORPORIS FABRICA

Deborah Boueres Laender Morais

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/607678449573385>
deborah.morais@uemasul.edu.br

Pedro Vinícius De Jesus Bertolino

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2045822660232785>
pedro.bertolino@uemasul.edu.br

Giovanna Melo Evangelista

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4656622765928279>
giovanna.evangelista@uemasul.edu.br

James de Araújo Silva

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4033252672992022>
james.silva@uemasul.edu.br

Luana de Souza Marques

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<https://lattes.cnpq.br/6205443568888935>
luana.marques@uemasul.edu.br

Sem título - *Deborah Boueres Laender Morais*

Primeira visita domiciliar no estúdio. A pessoa que me recebeu é uma senhora cujo marido é pintor. Me tocou profundamente a paixão com a qual falava sobre o trabalho do marido.

“É arte. Meu marido é um artista, minha filha, olha. Vou te levar ao estúdio dele”, e, com toda a simplicidade que era inerente a ela, me explicou cada pintura, esboço e mistura de tintas do local.

E eu, fascinada, a acompanhava.

Fomos para aferir a pressão daquela senhora hipertensa que se recusava a tomar seus remédios. Saí com a alma leve. Tinha encontrado, na simplicidade inerente àquela casa, uma alma que se misturava às cores que nossos olhos podem enxergar e àquilo que nossa alma pode sentir.

Não sei se consegui convencê-la que os hipertensivos funcionavam. Mas ela me convenceu que a arte salva. Da mesma forma que salvava a vida daquelas pessoas. E a minha própria.

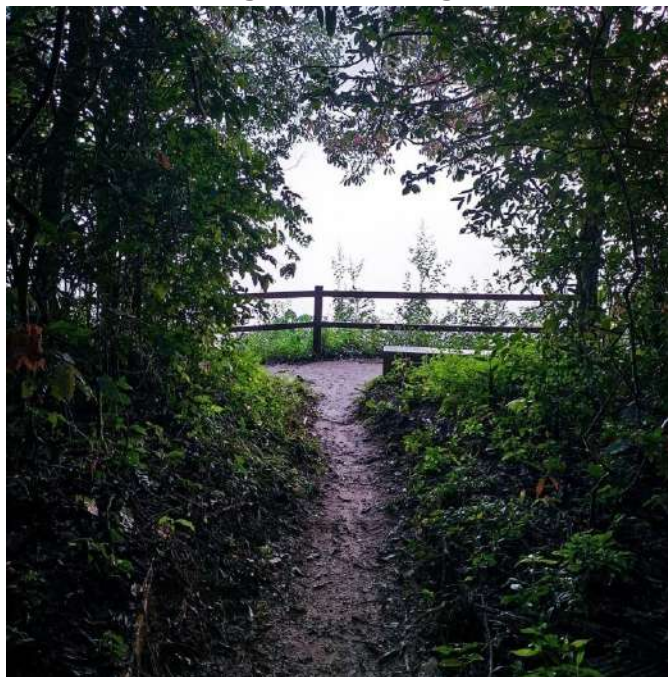
Ateliê de Artista



Fonte: Acervo da autora

Sem título - Pedro Vinícius De Jesus Bertolino

Fotografia de Paisagem



Fonte: Acervo do autor

Bom, gostaria de iniciar me retratando sobre a autoria da foto, que por sinal, não é minha. Na verdade, é de um estimado amigo que agora está na Alemanha. Foi tirada durante a pandemia no dia 15 de julho de 2021, em uma trilha no interior de São Paulo.

Sobre a história e significado dessa obra de arte, durante muito tempo este foi o wallpaper do meu *Whatsapp*. Terminei o ensino médio em 2019, tive uma crise de pânico no meio da prova do ENEM desse mesmo ano e no ano

seguinte, devido uma baixa nota na redação, não fui aprovado. Ainda assim, meu amigo mantinha contato. Ele estava enfrentando a pandemia enquanto estudava na UFSC, em Florianópolis, e devido ao regime EAD, viajava com certa frequência para casa de sua família paterna no interior de SP, em uma chácara.

Fazia trilhas com frequência e sempre tinha o costume de tirar fotos. Todas postadas no seu Instagram, algumas mais especiais, outras menos, mas todas muito belas.

Enfim, nesse dia eu, ele, e outros dois amigos estávamos conversando em uma chamada de vídeo. Estávamos cansados da pandemia, todos com saudade uns dos outros e sabendo que a previsão de nos vermos pelos próximos anos era mínima.

Ele, estudando engenharia mecatrônica, buscava um estágio no exterior (ele conseguiu); outro queria passar no ITA para o curso de física (não rolou, mas hoje ele faz o mesmo curso no Japão há pelo menos um ano); o terceiro conseguiu seu almejado curso de direito em sua cidade e pensava em seguir carreira por lá. Eu, bem, eu seguia em busca da minha aprovação. Todos juntos, todos enfrentando os próprios problemas, mas, ainda assim: juntos. Ele nos mostrou essa foto enquanto conversávamos sobre o fim da pandemia. Um olhar sobre um futuro melhor, eu disse. Parece que ele gostou o suficiente desse nome. Piegas, simples. Todos rimos e continuamos conversando.

Em 22 de fevereiro de 2022, saíram os resultados do

ENEM. Ele foi o primeiro a me ligar e, antes que eu dissesse qualquer coisa, ele mandou a foto, de novo. Mal sabia ele que eu havia sido aprovado. Mal sabíamos nós que não nos veríamos por um longo tempo.

No meio desse mesmo ano ele viajou para a Alemanha. Foi frustrante não poder me despedir dos meus amigos. Quando eu podia enfim vê-los, nenhum deles estava mais lá, todos estavam em lugares distantes e tivemos que nos contentar com as chamadas de *Discord*.

Então, num dia desses, estava falando com eles e alguém fez uma observação: Há 4 anos não nos víamos, todos, presencialmente. Sequer tínhamos uma previsão para esse acontecimento e isso pareceu bem triste à todos. Um dos amigos disse:

- Sempre tem o futuro, né? Não é possível que a gente não vá se ver mais.

Eu respondi prontamente:

- Dá ideia pro capeta não, macho.

E o autor da foto enfim se manifesta:

- Não foi tu, Pedro, que ano passado falou de futuro melhor, que vai dar tudo certo. Relaxa, pô. Se todo mundo tiver vivo até lá a gente se vira.

Procuramos no servidor do Discord e achamos a foto no histórico. Demos boas risadas. O reencontro pode esperar um pouco mais. Mesmo que pareça distante, dias melhores viriam. Enquanto estivéssemos ali, amigos, vivos, conversan-

do sobre nada de útil esses dias felizes sempre viriam.

Não sou o mais otimista da minha espécie, talvez não seja sequer o mais otimista do meu quarto. Mas aqueles caras e aquela foto me fazem crer que eu posso superar qualquer problema.

Um novo capítulo se inicia - *Giovanna Melo Evangelista*

Na estrada da vida, rumo à medicina vou,
Outra cidade, um novo amanhecer entrou.
Cabeça repleta de sonhos a desdobrar,
No coração, saudade, mas o horizonte a brilhar.

E nessa mudança da vida
Me sinto bem-vinda.
Na inconstância de idas e vindas
Encontro moradas lindas.

Pneumotórax, de Manuel Bandeira - *James de Araújo Silva*

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

.....

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Impressões pessoais sobre a obra:

O poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira é uma obra impactante que retrata a fragilidade da vida e a inevitabilidade da morte por meio de uma linguagem simples e direta, expressando a angústia e a tristeza existenciais humanas.

A repetição da tosse, ao longo do poema, cria um efeito sonoro marcante, evocando a sensação de sufocamento e acometimento físico. Através dos sintomas como febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos, o eu-lírico revela a progressão da doença e o aumento contínuo dessa fragilidade física.

A busca pelo tratamento médico expressa, no diálogo com o médico, revela a esperança do eu lírico em uma solução, mas é rapidamente frustrada pela resposta do médico. A sugestão de tocar um tango argentino, ao invés de oferecer uma cura ou tratamento, sugere resignação e aceitação

diante do inevitável, haja vista a precariedade dos cuidados médicos para um possível caso de tuberculose num passado não tão distante e que ainda é vivenciado entre a população mais carente.

O poema transmite uma sensação de melancolia profunda, abordando a noção da vida que poderia ter sido, mas que não foi. A brevidade e a fragilidade da existência são exploradas de forma contundente, ressaltando a efemeridade da vida humana e a inevitabilidade da condição humana.

Além disso, mostra ainda que de forma irreverente, o papel do médico na comunicação de notícias difíceis e a resistência do paciente em aceitar a irreversibilidade de sua condição dado a restrição das intervenções disponíveis no seu tempo, necessitando ficar apenas em cuidados paliativos.

Análise do livro *Ensaio sobre a Cegueira*, do Autor José Saramago - *Luana de Souza Marques*

Obra lançada em 1995, de autoria de José Saramago e é narrado em 3ª pessoa. A priori, o livro “Ensaio sobre a Cegueira” não é uma escolha de leitura óbvia e, em decorrência disso, se torna um livro interessante ao leitor atento. Uma das características mais marcantes da obra é de caráter estrutural, isto é, o clássico do escritor português, brinca com os elementos textuais da norma padrão.

Este, se utiliza apenas do ponto e da vírgula, associando estes a efeitos de sonoridade, ao invés de regras de sintaxe, o que exige do leitor perseverança no seguimento da leitura dificultosa, que melhora no decorrer das páginas devido a original e intrigante história.

Apesar da data distante de lançamento do livro, este se consolida na hodiernidade como atemporal, tendo em vista os principais temas abordados sendo relacionados à essência da humanidade. A história se resume a uma doença que surge de repente e se espalha rapidamente na sociedade, deixando as pessoas cegas, enxergando tudo “branco como leite”.

Já no decorrer dos primeiros capítulos, o caos se estabelece na sociedade, sendo os momentos de contágio da doença narrado do ponto de vista de diversos personagens: tem-se, por exemplo, o motorista, que está no trânsito como de costume e ao parar no semáforo fica cego, repentinamente; ou o médico oftalmologista que, na investigação da causa e sintomas da doença, também é atingido pela cegueira subitamente.

Pelo seu próprio objetivo inicial, em muitos momentos da narração, a obra causa incômodo no leitor. No decorrer da narrativa, as pessoas acometidas pela doença são isoladas numa espécie de quarentena, lugar onde o homem é mostrado em seu Estado de Natureza.

Tal associação da narrativa corrobora a teoria de Thomas Hobbes, importante filósofo contratualista, quando de-

monstra a natureza má e perversa do ser humano, em que a luta pela sobrevivência e pelo poder se sobressaem, tendo em vista que o ser é naturalmente egoísta.

Ainda nesse viés, a história discorre acerca de um mundo em que predomina a fome, violência e corrupção, pois cada uma busca sua própria sobrevivência como pode, desvelando as faces mais atrozes e sujas existentes na sociedade.

Conclui-se, portanto, que a obra é uma experiência única de aprendizado, uma vez que efetiva críticas referentes ao cerne da sociedade, evidenciando através da metáfora da “cegueira leitosa” que essa é uma condição natural do ser humano hodierno, que desponta quando a oportunidade se apresenta e somente é controlada pelas regras morais e éticas prevalentes na sociedade.

CAPÍTULO 7 - A LIÇÃO DE ANATOMIA DO DR. TULP

Lucas de Sá Carvalho

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9434094929884441>
lucas.carvalho@uemasul.edu.br

Gabriel Osmar Aguiar Ferreira

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2475532183256843>
gabriel.ferreira@uemasul.edu.br

Amanda Cristine Silva Sousa

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1169169098060514>
amandacristine.sousa@uemasul.edu.br

Guilherme Fernandes da Silva Silveira

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9385564102891504>
guilherme.silveira@uemasul.edu.br

João Vítor Albuquerque e Silva

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/7494422145478386>
joao.albuquerque.silva@uemasul.edu.br

Gustavo Bender Hendges

Acadêmico do curso de Medicina

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/1098222710237022>
gustavo.hendges@uemasul.edu.br

Saleth Victoria Pinheiro Maciel

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/3891161795256289>
saleth.maciel@uemasul.edu.br

O sonho acordado é que é a realidade - Lucas de Sá Carvalho

“Fiquei sozinha um domingo inteiro. Não telefonei para ninguém e ninguém telefonou. Estava totalmente só. Fiquei sentada num sofá com o pensamento livre. Mas no decorrer deste dia até a hora de dormir tive umas três vezes um súbito reconhecimento de mim mesma e do mundo que me assombrou e me fez mergulhar em profundezas obscuras de onde saí para uma luz de ouro. Era o encontro do eu com o eu. A solidão é um luxo”. (Clarice Lispector)

O trecho expresso é da obra “Um Sopro de Vida”, escrito por Clarice Lispector antes de sua morte. Na qual a autora faz uma reflexão acerca da vida, morte e da metalinguagem – da sua própria escrita – juntamente com todo o processo solitário envolvido nesse intervalo.

Clarice se encontra uma crise criativa juntamente com uma crise pessoal, de identidade, quando começa a se perder da sua própria consciência, a qual é atormentada pela proximidade da morte e pelas incertezas sobre sua própria existência, questionando o significado da vida.

A Clarice Lispector explora, nesse trecho, a experiên-

cia da solidão de um domingo, dia típico para repensar nossa semana, o que temos feito durante o mês, não raro, o que estamos fazendo ao decorrer da vida. A narradora passa um domingo inteiro sozinha, sem contatar ninguém e sem receber ligações.

Ela descreve-se como totalmente só, sentada em um sofá, com o pensamento livre. Durante o dia, porém, ela experimenta momentos em que se reconhece subitamente, tanto a si mesma quanto ao mundo, o que gera uma sensação angustiante e altamente poderosa, a qual ela pode reconhecer a si mesmo com uma singularidade capaz de sentir o mundo a sua volta, o que muitas vezes vem acompanhada de uma obscuridade que a assombra.

No entanto, ela emerge dessa escuridão para uma luz de ouro, representando um encontro consigo mesma. A frase final, “A solidão é um luxo”, sugere que a solidão pode ser uma experiência enriquecedora e valiosa, o que contrapõe a ideia do senso comum que justifica a solidão como algo indesejável para qualquer ser humano, mas desconsidera que pode ser um lugar de reflexão, conhecimento e a análise e encontro com uma parte de nós mesmos da qual costumamos fugir.

Ademais, cabe ressaltar a diferença, muitas vezes, confundida, de solidão para solitude. A solidão é entendida como um sentimento de desconexão com o sentimento e de isolamento, associado a separação dos demais, acompanhada de vazio, angústia e tristeza. Decorrente do esvaziamento

e da liquidez dos vínculos afetivos ou de um sentimento de não aceitação perante a visão do outro.

Em contrapartida, a solidão é vista como uma experiência positiva, enriquecedora e capaz de semear um solo fértil de ideias. A solidão é um tempo e um espaço dedicado à introspecção, à reflexão e ao autoconhecimento.

A solidão pode ser vista como uma oportunidade de conhecer o eu, reconectando-se consigo mesmo, tendo uma recarga emocional com seus próprios sentimentos, desejos e pensamentos. Ambas as perspectivas, solidão e solidão são fundamentais e devem conviver de forma simultânea, buscando um equilíbrio entre esses dois conceitos.

Uma visão holística da Medicina possibilitada pela arte literária - *Gabriel Osmar Aguiar Ferreira*

A relação entre arte, especificamente a literatura, e medicina é profundamente significativa. Ambas compartilham uma afinidade na sua capacidade de explorar a condição humana, oferecendo reflexões sobre aspectos físicos, emocionais e psicológicos da vida.

A literatura tem o poder de cultivar a empatia e a compaixão nos leitores, permitindo que eles se identifiquem com os personagens e suas experiências.

Da mesma forma, na medicina, a empatia e a compaixão são essenciais para estabelecer uma relação terapêutica

eficaz entre médico e paciente. Os médicos precisam compreender e se conectar emocionalmente com os pacientes para fornecer um cuidado mais holístico e centrado na pessoa.

A literatura oferece aos autores uma plataforma para expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências de forma criativa. Da mesma forma, os médicos podem usar a escrita como uma ferramenta para refletir sobre suas práticas clínicas, experiências pessoais e dilemas éticos.

Escrever sobre questões médicas pode ajudar os profissionais de saúde a processar e compreender melhor suas próprias experiências, promovendo o crescimento pessoal e profissional.

A literatura tem o poder de humanizar a prática da medicina, destacando a humanidade por trás dos casos clínicos. Através de histórias e personagens, os leitores podem compreender as complexidades da experiência humana, incluindo a dor, o sofrimento, a esperança e a resiliência.

Da mesma forma, os médicos podem se inspirar na literatura para adotar uma abordagem mais humanizada no cuidado com os pacientes, reconhecendo sua singularidade e dignidade.

No livro “O que os médicos não contam: entre a razão e o coração, as confissões de um jovem médico”, de Matt McCarthy, há uma jornada que transcende os limites da prática médica, incorporando elementos da arte literária para oferecer uma narrativa envolvente e reveladora sobre a com-

plexidade da profissão médica e a dinâmica entre médico e paciente.

Ao longo da obra, McCarthy não apenas compartilha suas experiências como médico em formação, mas também utiliza a arte da escrita para explorar os desafios emocionais, dilemas éticos e momentos de crescimento pessoal que enfrentou ao longo do caminho. Através de suas histórias, transporta-se para o mundo dos hospitais, onde o autor enfrenta situações que vão desde momentos de triunfo até crises de confiança e incertezas.

É interessante observar como a literatura se entrelaça com a medicina neste contexto. Assim como um autor utiliza as palavras para criar personagens complexos e narrativas envolventes, um médico como McCarthy usa suas habilidades de observação, empatia e comunicação para compreender e cuidar dos pacientes de forma holística.

Ele reconhece a importância de não apenas tratar as doenças, mas também de entender a história e as necessidades emocionais de cada indivíduo que cruza seu caminho.

Além disso, McCarthy destaca a pressão e as expectativas associadas à profissão médica, revelando como a prática da medicina pode ser exigente e desafiadora. Através de sua escrita sincera e reflexiva, ele convida os leitores a refletirem sobre a realidade por trás da imagem glamorosa muitas vezes associada à medicina, ressaltando os sacrifícios e as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde.

Dessa forma, “O que os médicos não contam” exempli-

fica como a arte literária pode ser uma poderosa ferramenta para explorar temas complexos e provocar reflexões sobre questões fundamentais da existência humana, como saúde, doença, empatia e compaixão.

Por meio das histórias e experiências compartilhadas por McCarthy, os leitores são convidados a repensar suas próprias visões sobre a medicina e a reconhecer a importância de abordar os pacientes não apenas como casos clínicos, mas como seres humanos completos, com suas próprias histórias, emoções e necessidades.

O estetoscópio e o pincel - *Amanda Cristine Silva Sousa*

Entre as paredes brancas e os quadros coloridos, onde a ciência encontra a expressão mais sublime da arte, a medicina e a arte se entrelaçam como fios invisíveis, formando uma tapeçaria única e complexa. Os corredores do hospital se assemelham à galerias silenciosas, onde os médicos são os curadores de uma coleção de histórias de vida.

Em uma sala de espera, os pacientes aguardam ansiosos, seus olhares perdidos nas pinturas que adornam as paredes. O médico, ao entrar, transforma-se em narrador de um conto de saúde e superação. Cada diagnóstico é uma página virada, e o tratamento, uma jornada em direção à restauração.

A sala de cirurgia, por sua vez, é um palco onde se

desenrola uma performance meticulosa. O bisturi é a caneta do cirurgião, traçando linhas invisíveis que corrigem a narrativa da saúde. O monitor, como uma tela em branco, exhibe gráficos e números que são interpretados como uma partitura, guiando a orquestra do procedimento médico.

Os enfermeiros, verdadeiros artistas do cuidado, desenham sorrisos nos rostos dos pacientes, criando uma atmosfera de conforto e esperança. Suas mãos habilidosas aplicam medicação como pincéis que acariciam a tela da recuperação, enquanto suas palavras são notas musicais que acalmam os corações inquietos.

A medicina e a arte compartilham a busca pela beleza e pela compreensão da condição humana. Assim como um pintor escolhe cuidadosamente suas cores, o médico seleciona os medicamentos e tratamentos, com a esperança de criar uma obra-prima que celebre a saúde e a vida.

No encontro entre o estetoscópio e o pincel, a poesia da cura se revela. Os artistas da medicina, com seus conhecimentos técnicos e sensibilidade, transformam a jornada da doença em uma narrativa de superação. Cada consulta, um capítulo; cada intervenção, uma virada de página.

Assim sendo, a arte e a medicina dançam juntas, uma coreografia intrincada de conhecimento e compaixão. Enquanto o médico trata o corpo, a arte eleva a alma, formando uma sinfonia que ressoa nos corredores do hospital e transcende as barreiras da enfermidade. Nessa junção singular, a medicina não é apenas uma ciência, mas uma forma de arte

que esculpe a esperança e pinta os contornos de uma vida saudável.

Tocando vidas - *Guilherme Fernandes da Silva Silveira*

Desde pequeno, Guilherme sempre se interessou pelos mistérios do corpo humano. Ao crescer, ele decidiu seguir o caminho da medicina, encantado pela ideia de aliviar o sofrimento dos outros.

Ingressou na faculdade de medicina, onde mergulhou em estudos e experiências intensas. No hospital, enfrentou desafios e aprendeu a importância de unir ciência e compaixão. Sua jornada era como um livro em branco, com cada página sendo preenchida por histórias de pacientes que lhe confiaram suas vidas.

Em uma manhã chuvosa, Guilherme foi chamado para atender uma senhora idosa chamada Dona Clara. Ela tinha um sorriso gentil, mas seus olhos carregavam anos de dores e desafios. Guilherme, com seu jaleco branco e estetoscópio, sentou-se ao seu lado para ouvir sua história.

Dona Clara compartilhou suas memórias, alegrias e tristezas. Guilherme não apenas diagnosticou seus sintomas, mas também compreendeu a mulher por trás da paciente. Ele prescreveu tratamentos, mas também ofereceu palavras de conforto, transformando a sala de consultas em um espaço de cuidado genuíno.

Ao longo dos anos, Guilherme continuou a escrever sua história como médico. Ele testemunhou nascimentos e enfrentou despedidas difíceis. Cada paciente deixou uma marca em seu coração, e ele se tornou não apenas um curador de doenças, mas um confidente em momentos de fragilidade.

Guilherme percebeu que a medicina não era apenas sobre diagnosticar e tratar, mas também sobre estar presente, ouvir e nutrir a esperança.

Ele entendia que a arte de ser médico ia além dos livros e das salas de cirurgia; era sobre construir conexões e ajudar as pessoas a escreverem capítulos mais saudáveis em suas próprias histórias de vida. E assim, a jornada de Guilherme como médico continuou, cheia de desafios, mas também repleta de gratidão por cada vida que tocou.

Ciência e Caridade - *João Vítor Albuquerque e Silva*

Pablo Picasso. *Ciência e Caridade*. 1897; óleo sobre tela;
197 cm × 249.5 cm



Fonte: Museu Picasso, Barcelona

As habilidades necessárias para a prática médica e artística são semelhantes, e ao longo da humanidade se relacionaram.

A obra de arte acima, *Ciência e caridade* (1897) de Pablo Picasso, traz na sua temática principal basicamente uma característica inerente do fazer médico e demonstrando que a figura médica é muito além do que aquele sacerdócio com complexo de Deus.

É o cuidado da família, é a manutenção de um bom estilo de vida com práticas de promoção da saúde. Arte e medicina se

relacionaram de outras formas também como na dramaturgia, no cinema ou na poesia, por isso tentarei demonstrar a relação conjunta que essas duas áreas do conhecimento apresentam:
No coração do hospital, pulsante,
A alma da cura, incessante.
Agentes da saúde, silenciosos heróis,
Levam muito mais que a vida para fora dos quartos frios.

O olhar médico é uma lente da mais pura empatia.
Escutam todas aquelas dores e melancolia.
A angústia os cerca, o medo de errar,
Mas nunca é o impeditivo para tentar acertar.

O bisturi é a caneta do cirurgião,
Que escreve as histórias de renovação.
Tudo isso pode ser o que você quiser chamar:
Profissão, vocação, mas acima de tudo uma paixão.

Essa jornada até a formação, traz muitas tristezas e alegrias,
Choques de realidade e responsabilidade em todos os dias.
Nessa caminhada, constrói-se uma autonomia.

Dr. House e a reflexão acerca da relação médico-paciente humanizada- *Gustavo Bender Hendges e Saleth Victoria Pinheiro Maciel*

House, MD (Dr. House, como é mais conhecido no Brasil) é uma série norte-americana da emissora Fox, que se passa em um hospital de Nova Jersey (EUA). Foi exibida pela primeira vez em 2004 e nela é retratado o trabalho de

Gregory House, um médico especialista em investigação de diagnósticos emblemáticos e difíceis.

No entanto, apesar de seu ótimo desempenho com a parte biológica da medicina, Dr. House apresenta um tremendo desinteresse pelo lado humano e psicossocial de seus pacientes e apresenta uma personalidade sarcástica, mal-humorada e antissocial.

Principalmente, nas primeiras temporadas, House considera, na maioria das vezes, o contato com o paciente irrelevante para o diagnóstico e tratamento das doenças. Ele acredita que o médico deve tratar a doença e não o paciente, sendo, muitas vezes, arrogante e pretensioso e se encontra frequentemente diante de dilemas éticos.

A série é interessante por ter um protagonista que, apesar de ser um gênio e salvar muitas vidas, não é um médico perfeito e, assim como qualquer ser humano, tem virtudes e defeitos. É possível observar, em alguns momentos, seu lado empático quando os pacientes conseguem tocar esse lado dele.

É notável que House é um médico, no mínimo, “fora da caixinha” e, portanto, não é um modelo a ser seguido 100%. Seria ótimo se existissem tantos médicos geniais como House, porém suas relações interpessoais tanto com os pacientes, quanto com sua equipe, não devem ser seguidas como exemplo.

Saber desenvolver uma boa relação, principalmente, com o paciente é essencial e facilita o trabalho do médico. É

importante se preocupar e levar em consideração as questões psicossociais do paciente, pois elas se ligam diretamente ao aspecto da doença e tratamento dele. Ser empático, gentil, educado e sensível também são aspectos que tornam o médico um excelente profissional.

A série, apesar de fictícia, cria enormes discussões acerca do profissional médico e suas relações com o paciente. Ela cumpre um dos principais papéis da arte, que é causar reflexão ao indivíduo que a consome.

Quando assistida, ela deve provocar, principalmente, nos estudantes e profissionais da área, um debate sobre a atuação profissional dessa categoria e seus impactos, visto que é uma área que atua diretamente com seres humanos e tem objetivo de tratá-los como são, sem reduzi-los a enfermidades, como retratado várias vezes na série na atuação profissional do Dr. House.

Assim, a humanização no atendimento médico-paciente é de suma importância. Apesar da fama do personagem supracitado, principalmente na sua capacidade de diagnosticar e tratar pacientes, seus hábitos com os pacientes não devem ser reproduzidos na realidade. Humanizar o paciente é olhá-lo como um todo, um ser pensante, racional e que tem sentimentos, que tem uma história pra contar. A junção dessas características resume um ser humano e na hora de atendê-lo, nós estudantes e profissionais da área médica, também devemos ser.

CAPÍTULO 8 - O NASCIMENTO DA CLÍNICA

José Augusto Lobão Marinho Sobrinho

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/6032159945287432>
jose.sobrinho@uemasul.edu.br

Solannya Rayna Carvalho Santos

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8158638297188969>
solannya.santos@uemasul.edu.br

Lara Vitória Araújo De Oliveira

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/9961972011816992>

Ana Carolina Lopes Ribeiro

Acadêmica do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/5733452984461470>
ana.ribeiro@uemasul.edu.br

João Pedro Ferreira Silva

Acadêmico do curso de Medicina
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/2974525060896177>
joaopedro.silva@uemasul.edu.br

Comentários sobre O Alienista, de Machado de Assis - José Augusto Lobão Marinho Sobrinho

“Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova na própria casa, e não curado, mas descurado até que a morte o vinha desfraldar do benefício da vida.” - O Alienista, Machado de Assis

Na obra “O Alienista”, o autor descreve um médico focado em patologizar todos os comportamentos por ele considerados desviantes no convívio da comunidade em que habitava.

Sendo assim, aos poucos, as pessoas da pequena cidade são estigmatizadas uma a uma e, com o andar da história, dezenas de cidadãos inocentes acabam por serem injustamente internados em um sanatório em que eram desumanizados e tratadas de forma injusta. A obra machadiana busca, dessa maneira, explorar a definição de loucura e refletir sobre o conceito daquilo que pode ser considerado uma doença.

Em uma sociedade baseada no acúmulo de capital, a ideia do louco está muito associada ao desprezo pelas normas sociais. Isso se demonstra bastante em uma interessante expressão popular como “louco de rasgar dinheiro”. Dessa maneira, por vezes, a lógica que predomina na definição da saúde está na produção e na permanência nas tarefas de construção patrimonial. Assim, pouco se fala da satisfação

na vida comum e em formas saudáveis de gerenciar a tristeza, o estresse e a raiva.

“Tome um remedinho para dormir, assuma uma postura fria e evite se magoar, estude enquanto eles dormem, não use o tempo em coisas fúteis...” Expressões e atitudes como estas são comuns e buscam conduzir as pessoas a estados de apatia em que elas melhor sirvam ao acúmulo do capital, entretanto, os seres humanos são uma espécie que precisa da fantasia, do lúdico e do gentil.

Não há como conceber uma vida satisfatória encaixando toda a sensibilidade e subjetividade, em prol da funcionalidade.

Bastante dos diagnósticos para patologias mentais se associa exatamente à tentativa violenta de caber em lógicas de existência que propiciam o sufocamento do eu.

Não duvido que “O alienista” tenha encontrado alguns com reais doenças mentais, mas a grande maioria talvez tenha sido realmente adoecida pela justa pressão de caber na norma de convívio daquela vivência opressiva.

Por fim, o livro é finalizado com o protagonista considerando a si mesmo como um adoecido digno de tratamento e, portanto, incapaz de julgar as patologias dos outros. O alienista some da cidadezinha e percebemos que o real “louco” era o próprio em todo o tempo.

O papel da medicina no tratar com os pacientes, portanto, não é patologizar o em prol de uma suposta funcionalidade, mas entender o que cada um espera em qualidade de

vida e usar o que houver em ciência para trazer real saúde para aquele alguém.

Talvez o conselho do médico possa ser de mudar de emprego, começar a ler aquele livro que seu Rodrigo nunca teve tempo para ler, dar um tempo no escritório para andar no parque ou mesmo aproveitar melhor o tempo em família, pois o conceito de saúde é bem-estar e o bem estar é uma percepção subjetiva.

Porquês de tantos comos- *Solannya Rayna Carvalho Santos*

Sofia nunca apegara-se tanto a uma frase como esta. Estava afixada em giz na parede de seu quarto: quem tem um porquê, enfrenta qualquer como. Mais tarde ela descobriria que a máxima era atribuída a Victor Frankl, citando Nietzsche nas páginas iniciais de sua obra “Em busca de sentido”. Em tardes tediosas de estudo na biblioteca do bairro era difícil acreditar que isso era verdade.

Naquela manhã de primavera, tudo apontava para mais um dia ordinário de estudos. Acorda. Água gelada. Mom jeans e moletom rasgado. Bom dia. Caminhada. Biblioteca. Mochila. Livro. Aula. Questões. Café. Química. Física. Robô.

Súbito, a filha da bibliotecária chega trazendo um lanche para sua mãe, que a acolhe com um caloroso abraço. Sofia observa de longe, busca na mente qual tinha sido a última vez que ela havia parado para olhar nos olhos dos seus pais. Para abraçá-los assim. Afinal, a vida só aconteceria depois da

aprovação no vestibular? Os olhos da pequena vestibulanda marejavam mais uma vez ao recordar todos os não recebidos e todos os momentos perdidos com quem ela amava, embaçando o porquê de se suportar tantos como.

Uma senhorinha de cabelos nevoentos sentada à mesa ao lado percebe o semblante de dor da jovem. Levanta-se, pede licença e senta-se perto de Sofia.

- Me chamo Ana. Todos os dias vejo você por aqui, minha querida. Posso perguntar o que faz?

-Sofia. Prazer, dona Ana. Eu venho aqui para estudar.

-O quê?

-Para provas de vestibular.

- E hoje bateu o desânimo, não é mesmo?

Com a voz embargada, Sofia responde que sim e, antes que se dê conta, já contou toda sua história para a mulher à sua frente.

-Na verdade, Sofia, sua vez pode está mais perto do que você possa imaginar. – Continuou dona Ana - Mas quando chegar lá, surgirão novas dificuldades. O caminho se faz ao andar.

Se você sempre espera por algo no futuro para ser feliz, o presente é esquecido em tristeza. Observe, não digo para renunciar ao seu sonho, mas antes para valorizar a realidade que está nas suas mãos hoje. Trabalhei a vida inteira numa grande empresa, tentando dar boas condições de vida para minha família, sem perceber que nossos momentos juntos eram cada vez mais escassos.

Quando dei por mim meu filho mais novo já tinha 26 anos. Hoje, não troco momentos com eles por nada nesse mundo. Faz sentido, Sofia?

- Totalmente, respondeu ela que experienciava uma grande epifania de prioridades.

Naquele dia, Sofia retornou pra casa prestando atenção no trajeto. Abraçou sua família. Ligou para os amigos. Visitou seus avós. Os dias seguintes foram ainda de muito estudo, porém agora com muito mais equilíbrio. No próximo vestibular para Medicina que ela fez, a aprovação chegou. A alegria foi geral.

Já no seu tão sonhado curso, o porquê de Frankl era cada vez mais latente. A cada aula, o desejo por entender como ajudar alguém enfermo aumentava. Dias ruins também chegavam e iam embora. Assim foi para Sofia, que passou a encarar a Medicina com olhos saudáveis de alguém que aprendera o valor de cada dia.

Suspiro - Lara Vitória Araújo De Oliveira

*ela chegou assim
de modo simples, fácil e dócil
mas ninguém está preparado
para quando ela se tornar um fóssil
cheia de aventura, encanto e beleza
a vida é assim como se fosse
um delicioso prato na mesa*

Esse pequeno poema fala sobre a brevidade e encanto da vida. Nesses dias, estava pensando no quanto torcemos para a vida acabar (como assisti em um reels no Instagram), torço para que a aula acabe, torço para que a faculdade acabe, torço para começar a trabalhar logo e ter minha renda, torço pra ser mais feliz logo, mas não me dou conta que o tempo que eu tanto torço para chegar é o agora e eu preciso me colocar nele.

A vida é para ser simples, mas nunca me vejo em uma situação de total contentamento, mesmo a vida sendo um delicioso prato na mesa, parece que não consigo saborear completamente. Esse poema é uma chamada pra eu e você sentirmos o delicioso gosto da vida, antes que o último suspiro chegue e ela se torne somente um fóssil, perdendo o seu gosto.

The Good Doctor - “O Bom Doutor” - Ana Carolina Lopes Ribeiro e João Pedro Ferreira Silva

A série “*The Good Doctor*” (2017) acompanha o médico cirurgião recém-formado, Dr. Shaun Murphy, diagnosticado com autismo e Síndrome de Savant - um raro distúrbio neurológico conhecido como “Síndrome do sábio”.

No decorrer da trama, somos imersos nos constantes desafios que o personagem principal enfrenta, estando em um hospital conceituado, ele é frequentemente ridiculari-

zado e descredibilizado, dado sua condição. Ao passo que o enredo avança, acompanhamos a superação e a evolução do jovem Dr. em diversas áreas de sua vida, especialmente, na medicina.

Um dos aspectos, além da trama em si, que chamam atenção é o modo como o Dr. Shaun Murphy enxerga a medicina e como isso é transmitido ao telespectador - por meio de recursos visuais - com construção de imagens que expressam o que se passa na mente do personagem e levam entendimento ao público, de como ele chegou a determinado diagnóstico ou conclusão.

É interessante observar que essa construção de recursos visuais, que ocorre desde a abertura, com uma rica composição de desenhos, imagens e colagens de aspectos anatômicos do corpo humano, até os artifícios visuais citados anteriormente, em conjunto, compõem formas de manifestações artísticas.

Tal recurso é marcante na composição da obra e compõe um aspecto que aproxima o público do personagem, uma vez que contribui não só para a beleza visual e atribuição de realismo à obra, como a ausência dessas figuras poderia prejudicar o entendimento do telespectador que não possui conhecimento técnico na área da saúde.

Além disso, não tem como deixar de fora o modo como a medicina é retratada mediante a arte da atuação. É lindo e emocionante a forma como o grupo de atores, em especial o Freddie Highmore - responsável por dar vida ao

Dr. Shaun Murphy -, transmite o dia a dia, na área da saúde, deixando bem claro que nem tudo são flores, mostrando os desafios, percalços e dificuldades enfrentados pela classe, ao passo que demonstra a superação, a edificação e a parte emocionante da medicina.

A narrativa consegue demonstrar a fragilidade que o profissional da medicina pode sentir e como, em determinadas situações, pode ser uma área cansativa e estressante psicologicamente.

A série, por sua vez, consegue aproximar os personagens do público por meio do processo de humanização deles: no final das contas, são pessoas, eles dão seu máximo pela profissão, mas também erram e aprendem o tempo todo, não significa que merecem ser crucificados por isso.

Esse processo acaba desmistificando a ideia de que na medicina tudo é perfeito, tudo é belo, às vezes pode ser exaustivo, trabalhoso e esgotante também, mas no final vale a pena.

Nesse contexto, verifica-se a importância de analisar e entender que tanto o profissional da saúde, como o paciente são pessoas portadoras de emoções e sentimentos. Assim, abre espaço para discussões sobre o efeito e a importância da humanização de atendimentos. Esta é uma abordagem que põe o paciente no centro do cuidado, reconhecendo sua individualidade, dignidade e autonomia.

Buscando resgatar a empatia e o vínculo entre profissionais de saúde e pacientes, valorizando não apenas o as-

pecto biológico, mas também o emocional e social.

Manifesta-se em diversas práticas, como o acolhimento caloroso, a escuta ativa das necessidades do paciente, o respeito às suas escolhas e a promoção de um ambiente acolhedor e confortável nos serviços de saúde. Possuindo como princípios fundamentais o respeito à dignidade do paciente.

Isso implica reconhecer sua história de vida, suas crenças e valores, garantindo tratamento digno e livre de discriminação. Com isso, busca-se promover a participação ativa do paciente no processo de cuidado, compartilhando informações sobre sua condição de saúde e envolvendo-o nas decisões relacionadas ao tratamento.

Outro aspecto importante é a valorização das relações interpessoais. Isso envolve o estabelecimento de uma comunicação empática e transparente entre profissionais de saúde, pacientes e seus familiares, promovendo um ambiente de confiança e colaboração.

A humanização tem o potencial de melhorar, significativamente, a experiência do paciente no sistema de saúde, contribuindo para a sua satisfação, adesão ao tratamento e recuperação. Promovendo um ambiente de trabalho mais gratificante para os profissionais de saúde, fortalecendo sua motivação e engajamento no cuidado.

Além disso, abre-se margem para a interlocução entre medicina e arte, que como citada anteriormente influi um aspecto positivo nas relações interpessoais. Uma vez que a arte, seja ela visual, musical, literária ou performática, pode

desempenhar um papel fundamental no processo de cura e no bem-estar dos pacientes.

Pois, por meio da expressão artística, os pacientes podem encontrar uma saída para suas emoções, promovendo a autocura e o enfrentamento de desafios emocionais e físicos relacionados à saúde.

Com isso, a arte pode ser uma ferramenta poderosa para a educação médica e o desenvolvimento de habilidades de comunicação e empatia entre os profissionais de saúde. Ao estudar obras de arte, os médicos podem aprimorar sua capacidade de observação, interpretação e compreensão das experiências humanas, o que pode contribuir para uma prática clínica mais sensível e centrada no paciente.

Porquanto, através da análise de pinturas, esculturas ou filmes, os médicos podem aprender a reconhecer e interpretar sinais não verbais de dor, sofrimento ou alegria em seus pacientes, aprimorando assim suas habilidades de comunicação e compreensão.

Esta interlocução entre artistas e profissionais de saúde também tem o potencial de gerar projetos inovadores que abordam questões de saúde pública e promovem mudanças positivas na sociedade. Por exemplo, instalações de arte pública podem ser usadas para aumentar a conscientização sobre doenças específicas, promover a adoção de hábitos saudáveis ou destacar questões de justiça social relacionadas à saúde. Essas iniciativas não só educam e informam o público, mas também podem inspirar ações concretas e

políticas voltadas para a melhoria da saúde da comunidade.

A partir disso, a arte pode desempenhar um papel terapêutico importante para os próprios profissionais de saúde, muitas vezes sujeitos a altos níveis de estresse e esgotamento.

A expressão criativa, seja por meio da pintura, música, escrita ou outras formas de arte, pode servir como uma válvula de escape para as emoções e tensões acumuladas no ambiente de trabalho médico, como visto durante a série, as formas de “escape” da realidade feita pelo protagonista. Muitos hospitais e instituições de saúde estão reconhecendo a importância da arte na promoção do bem-estar dos funcionários e estão implementando programas de arte terapia e atividades criativas para apoiar sua equipe.

Por fim, a arte na medicina pode ser vista como uma forma de resgatar a humanidade e a empatia no cuidado de saúde, lembrando-nos de que os pacientes são mais do que apenas casos clínicos, são seres humanos com histórias, sentimentos e experiências únicas.

Ao integrar artisticamente os ambientes clínicos, a série traz diversos temas em evidência, temas que antes não possuíam a devida atenção, sendo reconhecidos como importantes para a manutenção da saúde do paciente e também do profissional de saúde, levando a uma melhora na relação médico-paciente.

Além de uma melhora na adesão a tratamentos e a retornos a consultas e exames. Já em relação ao profissional

da saúde, como se observa na série, evita sobrecargas físicas e emocionais em sua rotina, que é bem estressante e pode levar ao acometimento de doenças.

Contudo, a série também explora dilemas éticos enfrentados por médicos e equipes hospitalares, como o debate sobre a qualidade de vida, a tomada de decisões difíceis em situações de emergência e o equilíbrio entre os interesses do paciente e os protocolos médicos estabelecidos.

Ao retratar as complexidades da prática médica, “The Good Doctor” oferece uma visão perspicaz e reflexiva sobre a vida real da profissão médica, destacando tanto os aspectos positivos quanto os negativos enfrentados pelos profissionais de saúde no cotidiano.

Em síntese, fica claro o impacto que a medicina possui na arte, ao passo que, diante dessas representações, também enxergamos o impacto que a arte possui na medicina: por vezes, ela consegue aproximar o profissional do público - que, como falado anteriormente, se compadece e passa a se identificar com os profissionais da saúde -, além de possuir o poder de atrair e despertar o interesse do telespectador pela área e carreira da medicina - exemplo disso, inclusive, somos nós que, influenciados pela força de vontade e dedicação do Dr. Shaun e sua equipe, passamos a nos interessar e, conseqüentemente, nos inspirou a seguir a carreira.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Alexandre de Albuquerque Mourão: Professor Adjunto de Psicologia no curso de Medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Possui Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com pesquisa sobre o desenvolvimento e a memória de artistas ex-perseguidos políticos da ditadura militar. Nesse mesmo período atuou como pesquisador integrante da Comissão Nacional da Verdade (CNV). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará, com uma investigação sobre Biopolítica e Estado de exceção. É graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza e, desde a formação, realiza atendimentos clínicos a pessoas em situações de vulnerabilidade social. Foi Consultor, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento da ONU, Conselheiro para Assuntos de Estresse da Organizações das Nações Unidas (ONU) e Coordenador de Articulação Social e Ações Educativas da Comissão de Anistia, do Ministério da Justiça. Possui Licenciatura em Artes Visuais, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFCE. É artista fundador do Coletivo Aparecidos Políticos, um grupo de arte e memória que há 13 anos vem realizando intervenções artísticas relacionadas a não repetição dos crimes da ditadura militar tendo realizado intercâmbios internacionais na França, Alemanha, Argentina, Chile e México. Mais recentemente vem desenvolvendo uma pesquisa interdisciplinar sobre arte, ciência e tecnologia e as possibilidades do exercício da criatividade dentro da Universidade.

Ana Beatriz Paixão Rodrigues: Acadêmica de medicina da Universidade Estadual da região Tocantins do Maranhão - UEMASUL, diretora de ensino da Liga Acadêmica de Psiquiatria e Saúde Mental da UEMASUL - LAPSUL, diretora de marketing da Liga Acadêmica de Clínica Médica da UEMASUL - LACLIM, voluntária do projeto de extensão “Meu velho amigo”, voluntária do projeto de extensão “HiperAção”.

Maria das Graças Mendes Rodrigues: Acadêmica de medicina da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, diretora de pesquisa da Liga Acadêmica de Ortopedia e Traumatologia da UEMASUL - ORTOLIGA, vice-presidente da Liga Acadêmica de Psiquiatria e Saúde Mental da UEMASUL - LAPSUL, bolsista do Projeto de Extensão "PODCAST DE SAÚDE - Na Ausculta.

DE HUMANI ARTE:

fantásticas lições de futuros médicos

A obra propõe uma interlocução entre medicina e arte a partir das produções artísticas de estudantes de medicina (em diversas linguagens como poesia, desenhos, análises de pinturas e filme). A obra é um apanhado de uma seleção de mais de 120 alunos do eixo de Humanidades Médicas do curso de Medicina da UEMASUL que tem como proposta trabalhar a humanização dos médicos a partir da arte.



EDITORA
UEMASUL

ISBN: 978-65-89274-01-8

CDL



9 786589 274018